



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB  
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE – PPGREC**

**GRACIELA SOUZA ALMEIDA**

**RELAÇÕES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS DO BAIRRO MANDACARU NA  
CIDADE DE JEQUIÉ-BAHIA**

**JEQUIÉ-BA  
JUNHO/2023**

GRACIELA SOUZA ALMEIDA

RELAÇÕES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS DO BAIRRO MANDACARU NA CIDADE  
DE JEQUIÉ-BAHIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, para obtenção do título de Mestra.

Orientador: Professor Doutor Natalino Perovano Filho

JEQUIÉ – BA  
JUNHO/2023

A447r Almeida, Graciela Souza.

Relações étnicas das rezadeiras do bairro mandacaru na cidade de Jequié-Bahia / Graciela Souza Almeida.- Jequié, 2023.

75f

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação do Prof. Dr. Natalino Perovano Filho)

1.Relações étnico-raciais 2.Identidade étnica 3.Rezadeiras 4.Cultura popular 5.Etnociências I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
II.Título

CDD – 305.809

**GRACIELA SOUZA ALMEIDA**

**RELAÇÕES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS DO BAIRRO MANDACARU NA  
CIDADE DE JEQUIÉ-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, para obtenção do título de Mestra.

Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação**

**Aprovado em:** 25 de abril de 2023.

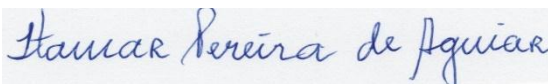
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Natalino Perovano Filho (UESB)  
Orientador – Presidente da Banca



Prof. Dr. Sandro dos Santos Correia (UNEB)  
Examinador Externo



Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar (UESB)  
Examinador Interno

**JEQUIÉ  
2023**

*Dedico esta pesquisa a minha, Graça Andrade  
(in Memoriam), que sempre acreditou e  
incentivou para eu adentrar ao Mestrado.  
À minha avó materna, benzedeira Jarde (in  
Memoriam).*

*A todas as benzedeiras e rezadeiras do  
Mandacaru, em especial às que fizeram parte  
desta pesquisa.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por estar sempre ao meu lado em todos os momentos e por ter me permitido chegar até aqui.

À mainha, Graça Andrade (*in Memoriam*), pela orientação, dedicação e incentivo durante toda sua vida.

Ao meu companheiro, Fabiano, pela dedicação, compreensão e presença constante durante toda essa fase, me ouvindo e ajudando a buscar soluções para os problemas existentes.

Aos meus filhos, Andrei Fabiano e Sophia, razão de todos os dias eu buscar um futuro melhor para nós.

À minha cunhada, Adriana, por toda sua atenção e dedicação nos ensinamentos acadêmicos.

Agradeço aos principais colaboradores dessa dissertação: a todas as rezadeiras, a quem também dedico esse trabalho, pela atenção que tiveram comigo e por compartilharem suas histórias de vida. Sem vocês esse trabalho não se realizaria.

Ao Prof. Dr. Natalino Perovano Filho, por ter acreditado na minha temática de pesquisa, pelas orientações, sugestões e críticas ao texto. Sou grata pela confiança que teve em mim durante todo o processo.

De forma carinhosa, aos professores e colegas que colaboraram com as diversas discussões sobre a prática, principalmente, a Profa. Dra. Marise de Santana e ao Prof. Dr. Marcos Lopes, que serão sempre meus referenciais de dignidade e luta por nossos direitos.

Agradeço também aos colegas da turma do PPGREC do ano de 2021 pela caminhada. Mesmo em meio a uma pandemia que nos distanciou, conseguimos nos conectar para além das telas, em especial a Isis Chabi e Ivanildes Moura: vocês são um presente em minha vida.

Agradeço a toda família do ODEERE, por todas as experiências, aprendizado e desconstruções oportunizadas nas vivências do mestrado.

À minha eterna amiga Tatiana (*in Memoriam*): valeu pelo incentivo, amizade e companheirismo. Sei que cuida da gente lá do céu.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram na realização deste trabalho, mesmo que não os tenha mencionado, agradeço a todos vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001'.

## RESUMO

A tradição dos serviços de rezadeira, como intervenção nos processos de cura sempre se constituiu como importante ferramenta de saúde e proteção social em várias sociedades. Essas rezadeiras, no entanto, possuem representação maior que os ofícios que realizam como a reza e a benzedura, passando a ocupar espaço essencial na comunidade em que vivem, na medida em que pluralizam seus conhecimentos. No bairro do Mandacaru, na cidade de Jequié-BA, elas se fazem presentes, com fácil acessibilidade e vasto conhecimento, acabam disseminando suas práticas e memórias, com vistas à modificação da realidade social das pessoas daquela localidade. Desse modo, esta pesquisa tem como questão norteadora a pergunta: de que modo as Relações Étnicas das rezadeiras do Mandacaru acontecem? Por meio deste estudo, objetivamos, principalmente: investigar as Relações Étnicas das rezadeiras no Bairro Mandacaru; apontar as identidades étnicas das rezadeiras no Bairro do Mandacaru; analisar as fronteiras étnicas das rezadeiras no referido bairro e verificar como se dá o uso das plantas nos rituais de benzeção. Adotamos um referencial teórico fundado nas contribuições dos seguintes autores: Barth (2011); Oliveira (2006); Hall (2003); Geertz (2008); Halbwachs (1990); Oliveira (1985), dentre outros.

**Palavras-chave:** Relações Étnico-raciais; Identidade Étnica; Rezadeiras; Cultura Popular; Etnociências.

## ABSTRACT

The tradition of mourning services, as an intervention in healing processes, has always been an important health and social protection tool in several societies. These mourners, however, have a greater representation than the crafts they performed such as prayers and blessings, starting to occupy an essential space in the community in which they live, insofar as they pluralize their knowledge. In the neighborhood of Mandacaru, in the city of Jequié-BA, they are present, with easy accessibility and vast knowledge, they end up disseminating their practices and memories, with a view to modifying the social reality of the people in that locality. Thus, this research has as its guiding question the question: how do the Ethnic Relations of the Mandacaru mourners happen? Through this study, we aimed, mainly: to investigate the Ethnic Relations of the mourners in the Mandacaru neighborhood; to identify the ethnic identities of the mourners in Bairro do Mandacaru; to analyze the ethnic borders of the mourners in the referred neighborhood and to verify how the plants are used in the blessing rituals. We adopted a theoretical framework based on the contributions of the following authors: Barth (2011); Oliveira (2006); Hall (2003); Geertz (2008); Halbwachs (1990); Oliveira (1985), among others.

**Keywords:** Ethnic-racial Relations; Ethnic Identity; Prayers; Popular Culture; Ethnoscience.



*Salve as Folhas*  
*Maria Bethânia*

*Sem folha não tem sonho*  
*Sem folha não tem vida*  
*Sem folha não tem nada*  
*Quem é você e o que faz por aqui*  
*Eu guardo a luz das estrelas*  
*A alma de cada folha*  
*Sou Aroni*  
*Cosi euê Cosi orixá*  
*Euê ô Euê ô orixá*  
*Sem folha não tem sonho*  
*Sem folha não tem festa*  
*Sem folha não tem vida*  
*Sem folha não tem nada*  
*Eu guardo a luz das estrelas*  
*A alma de cada folha*  
*Sou aroni.*  
*(Gerônimo; Ildásio Tavares)*



Figura 1: Memórias das Rezas (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022)

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Memórias das Rezas .....	09
<b>Figura 2:</b> Minha avó segurando meu filho.....	12
<b>Figura 3:</b> Altar da rezadeira Beca.....	17
<b>Figura 4:</b> Planta Arruda, do quintal da residência da rezadeira.....	18
<b>Figura 5:</b> Planta Malva, da frente da casa da rezadeira.....	19
<b>Figura 6:</b> Planta Espada-de-São-Jorge.....	20
<b>Figura 7:</b> Registro do Bairro do Mandacaru sentindo nascente.....	28
<b>Figura 8:</b> Registro do Bairro do Mandacaru sentindo poente.....	29
<b>Figura 9:</b> Altar da rezadeira Arruda.....	31
<b>Figura 10:</b> Altar da rezadeira Malva, na sala.....	32
<b>Figura 11:</b> Altar da rezadeira Malva, no quarto.....	32
<b>Figura 12:</b> Altar da rezadeira Espada-de-São-Jorge.....	33
<b>Figura 13:</b> Planta Malva – Elemento usado durante a reza.....	50
<b>Figura 14:</b> Principais plantas utilizadas pela população encontrada nos bairros atendidos pelo Programa de Saúde da Família, Governador Valadares, MG (ago-dez/ 2002).....	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>16</b>
<b>3 IDENTIDADES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 A Memória das Rezadeiras do Mandacaru .....</b>	<b>28</b>
<b>4 USO DAS PLANTAS NO COTIDIANO DAS REZAS .....</b>	<b>43</b>
<b>5 RELAÇÕES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS DO MANDACARU.....</b>	<b>60</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presença das rezadeiras no bairro do Mandacaru, na cidade de Jequié-BA, corresponde a um fenômeno importante, uma vez que essas mulheres constituídas de dons e tradições de cura representam bem mais que os gestos e palavras proferidas que levam conforto a quem as procura. Deve-se pensar na história das rezadeiras como a história das mulheres de modo geral. Uma história marcada pela resistência e autoafirmação de espaços, de lutas contra preconceitos e valorização do papel da mulher na sociedade. Exemplo disso foram os Movimentos Feministas que, ao longo dos anos, abrangiam a emancipação feminina, pautando-se na relação de dominação masculina sobre todos os aspectos da vida da mulher.

Tenho em minha memória algumas lembranças da minha avó materna, Jardelina (*in Memoriam*), que era rezadeira e, infelizmente, esse legado não foi apreendido por nenhum de seus filhos/as, netas/os e nem bisnetas/os. O que tenho registrado nas lembranças é justamente o uso de plantas em seus rituais e que muitas pessoas eram benzidas por ela.

Minha avó, carinhosamente chamada de Jarde, foi uma pessoa muito querida e rezou até os 82 anos, quando ficou muito doente vindo a falecer com 84 anos.



**Figura 2:** Minha avó segurando meu filho (Arquivo pessoal da pesquisadora).

O registro acima foi feito na ocasião do nascimento do meu primeiro filho, setembro de 2006, quando minha avó Jarde rezou seu Bisneto pela primeira vez ainda com poucos dias de vida.

Também guardo em minhas lembranças de infância as inúmeras vezes em que minha mãe levava a mim e à minha irmã a outras rezadeiras do bairro do Mandacaru para sermos rezadas, já que minha avó não rezava parentes de 1º grau, pois falava que deixava seu corpo aberto e sujeito a doenças ou até mesmo a mal olhado.

Graduei em História pela Faculdade de Ciência e Tecnologia (FTC), na qual realizei uma pesquisa intitulada: *O Uso de Plantas da Cultura Afro-brasileira pelos Moradores da Comunidade Fazenda Velha da Cidade de Jequié-Bahia*. Em 2019, especializei-me em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com a pesquisa intitulada: *A Memória das Rezadeiras no Bairro do Mandacaru da Cidade de Jequié-Bahia*. Durante esta pesquisa, pude observar como o legado das rezadeiras e as plantas estão ligadas através de seus rituais. E justamente esse se tornou meu objetivo de estudo neste programa de mestrado: investigar as Relações Étnicas das rezadeiras no bairro Mandacaru na cidade de Jequié-Ba em seus rituais e uso das plantas para benzedura.

A presença das rezadeiras no bairro do Mandacaru, na cidade de Jequié, corresponde a um fenômeno importante, uma vez que essas mulheres constituídas de dons e tradições decura, representam bem mais que os gestos e palavras proferidas que levam conforto a quem as procura.

A história das rezadeiras é marcada pela resistência e autoafirmação de espaços, bem como de lutas contra preconceitos e valorização do papel da mulher na sociedade. Exemplo disso foram os movimentos feministas que ao longo dos anos, abrangiam a emancipação feminina, pautando-se na relação de dominação masculina sobre a feminina em todos os aspectos da vida da mulher.

As rezadeiras são guardiãs da memória coletiva das classes populares, lidam em seu cotidiano acudindo e solucionando os problemas dos moradores do Bairro do Mandacaru. Elas estão convencidas da eficácia dos seus tratamentos terapêuticos. Quando os doentes não alcançam a cura, novas receitas, banhos e chás são administrados. Apesar de, historicamente, as rezadeiras serem esquecidas e negadas pela sociedade de forma geral, elas são guardiãs da memória de luta e labuta pelo bem-estar dos menos favorecidos.

O aprendizado das rezas através da memorização das palavras mágicas, também pode

ser entendido como uma das diversas estratégias da população empobrecida para resguardar bens simbólicos pertencentes a uma longa tradição. Mesmo não podendo contar com a escrita como forma de registrar suas práticas de cura, essas mulheres memorizavam rezas e as funções das ervas, garantindo as gerações posteriores o acesso a essas práticas culturais.

As Rezadeiras praticam a reza como parte essencial do rito. Podem ser chamadas também de curandeiras e benzedeadas. Contudo, existem diferenças para designar a função de rezadeiras, benzedeadas e curandeiros. De acordo com Santos (2009), os curadores, diferentemente das benzedeadas, possuem a capacidade de se conectar com forças superiores além da oração e da bênção, e em sua maioria são homens. As rezadeiras, através das rezas e preces, desempenham um importante papel nas comunidades em que estão presentes; não obstante a isso, essas mulheres guardam um grande conhecimento passado de geração para geração.

Diante disso, o presente estudo tem grande relevância pessoal e afetiva, ao mesmo tempo em que agrega novas contribuições para os moradores do bairro do Mandacaru, da cidade de Jequié-Bahia, no processo de construção de identidades e reconhecimento, cultural e social. Nesse sentido, a escolha por pesquisar as mulheres rezadeiras no Mandacaru, em Jequié, corresponde à necessidade de identificar suas Relações Étnicas e analisar o uso das plantas em seus rituais, observando que esses representam bem mais que os gestos e palavras proferidas que levam conforto a quem as recebe. O valor dessas mulheres em nosso meio, o que significaram e significam para a nossa saúde, no passado e no presente.

Este estudo tem como questão norteadora a seguinte pergunta: Como ocorrem as Relações Étnicas das rezadeiras do Mandacaru?

Dessa forma, nossos objetivos específicos são: identificar as identidades étnicas das rezadeiras no Bairro do Mandacaru.; analisar as fronteiras étnicas das rezadeiras no Bairro do Mandacaru e verificar como se dá o uso das plantas nos rituais das rezadeiras no Bairro do Mandacaru na cidade de Jequié-Bahia.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, desenvolvida a partir do objetivo de investigar as relações étnicas das rezadeiras no Bairro do Mandacaru. E baseia-se em três eixos temáticos: As Memórias das rezadeiras; Fronteiras Étnicas das rezadeiras; e os usos das plantas durante seus ritos.

No decorrer desta pesquisa, adotamos um referencial teórico fundamentado nas contribuições dos seguintes autores: Barth (2011) e Oliveira (2006), a fim de retratarmos sobre a identidade étnica; Hall (2002), pois apresenta subsídio acerca da formação da

identidade cultural; Geertz (2008), autor que debate a respeito da interpretação do conceito de cultura; Halbwachs (1990), uma vez que apresenta o suporte teórico necessário para tratarmos sobre memória; Oliveira (1985) revela importantes contribuições sobre o conceito da benzeção.

Quanto à estrutura, essa dissertação está assim organizada: além da introdução, apresentamos no item 2 o *Percurso Metodológico*, desenvolvido a partir do objetivo de investigar as relações étnicas das rezadeiras no Bairro do Mandacaru, onde foi realizado a partir do estudo de entrevistas e análise de dados e conteúdo.

No item 3, intitulado *Identidades Étnicas das Rezadeiras*, são apresentadas as discussões sobre as identidades étnicas das rezadeiras, com base numa abordagem sobre os conceitos da benzeção, a memória coletiva dos rituais de rezas e revisão bibliográfica dos estudos realizados com rezadeiras e seus ritos.

O item 4, intitulado *Uso das Plantas no Cotidiano das Rezas*, trata do uso das plantas no cotidiano de reza, descrevemos o amplo conhecimento que detém a cultura de rezas e uso de ervas pelas benzedoras do Mandacaru, de modo que este estudo permita a verificação dos efeitos das rezas e rituais sobre os indivíduos a partir das propriedades fitoterápicas e a prática das rezadeiras utilizando conhecimentos da Etnociências em seus rituais.

No item 5, intitulado *Relações Étnicas das Rezadeiras do Mandacaru*, buscamos descrever como se constroem os saberes das rezadeiras partilhadas nesses espaços, bem como as etnicidades que percorrem essas práticas de benzeduras neste bairro e propomos uma breve abordagem sobre o pertencimento étnico das participantes.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, desenvolvida a partir do objetivo de investigar as relações étnicas das rezadeiras no bairro Mandacaru. E baseia-se em três eixos temáticos: as Memórias das rezadeiras; Fronteiras Étnicas das rezadeiras; e os usos das plantas durante seus ritos.

Aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pelo CAAE: 55225021.7.0000.0055. Eixos delineados com base nas entrevistas das rezadeiras. Comprovado com dados coletados através da observação participante e análise de imagens, tanto de gravações quanto fotografias – fotografias e gravações feitas durante os rituais das rezas e entrevistas com as rezadeiras, e nos registros em diário de campo.

As fotografias exerceram papel relevante no levantamento das memórias das entrevistadas, e na contextualização cultural e histórica. Samain (2005) ressalta que “as fotografias gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento” (SAMAIN, 2005, p. 5).

A prática etnográfica possibilita análises a partir do modelo discursivo levando em consideração a subjetividade de toda fala, revelando que todo o “eu” que fala constrói sua narrativa na relação com o outro, determinando assim, o lugar de fala. Uma etnografia bem elaborada deve levar em consideração o ambiente de fala, a representatividade e a interpretação, elementos estes que só poderão ser desvendados com o aprofundamento da pesquisadora no campo de pesquisa, através da observação atenta e da integração – participativa no cotidiano dos sujeitos. Por essa relação de aproximação, Clifford (2011) defende que “não há nenhuma posição neutra no campo de poder dos posicionamentos discursivos, numa cambiante matriz de relacionamentos de eus e vocês” (CLIFFORD, 2011, p. 42).

As rezadeiras que produzem os discursos apresentados no transcorrer destas páginas são sujeitas de sua própria pesquisa que, além de falar de suas memórias, de seus rituais de rezas, suas histórias, são mulheres, filhas, mães, avós. Nesse espaço, descrevo as interpretações sobre elas, minhas experiências e vivências no campo.

Utilizamos a amostra em *snowball*, que quer dizer “bola de neve”, é uma técnica de amostragem que vem sendo utilizada em pesquisas qualitativas nos últimos anos, pois permite que se alcance populações pouco conhecidas ou de difícil acesso.



A pesquisa qualitativa, segundo Dyniewicz (2009), se baseia na premissa de que o conhecimento sobre as pessoas só é possível pela descrição das experiências humanas, tais como elas são vividas e definidas pelos seus próprios atores.

As entrevistadas foram selecionadas por indicação dos moradores e das próprias rezadeiras que iam referenciando outras. Cinco benzedeiças no bairro do Mandacaru, foram indicadas porém, nesse trabalho, só conseguimos dialogar com 4 (quatro), pois uma está em São Paulo devido a Pandemia do COVID 19, a filha levou para ficar com ela.

Segundo Baldin e Munhoz (2011):

A snowball sampling ou “Bola de Neve” prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros da população de interesse para a pesquisa (e agora indicados por eles), para, só então sair a campo para também recrutá-los (BALDIN E MUNHOZ, 2011, p. 5).

Das 4 (quatro), apenas uma iremos utilizar seu nome/apelido, pois, foi uma exigência dela para participar da pesquisa, as demais preferiram não se identificar, alegando ainda existir um preconceito muito grande quando se fala de rezadeira. Sendo assim, escolhemos associar os nomes das rezadeiras aos nomes das plantas usadas durante o ritual das rezas, de acordo a algumas características destas benzedeiças.

A primeira rezadeira que busquei para participar desta pesquisa foi Dona Beca, a que exigiu que seu nome fosse utilizado para participar da pesquisa, com faixa etária dos 80 anos, e quem me reza desde os meus 10 anos.



**Figura 3:** Altar da rezadeira Beca. (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022).

Ela é a rezadeira mais conhecida do bairro e indicou o caminho das demais benzedeiras. Seu estado civil é divorciada, teve 2 filhos e 4 netos. Declara-se católica.

Rezo para ajudar minha comunidade, tinha um tio que rezava mais nunca quis ensinar mais sempre gostava de ouvir suas rezas escondida. E o dom foi forte e comecei a rezar e espero rezar até morrer. A reza e as plantas certas é muito forte pode acreditar! (DONA BECA, abril de 2022).

Dona Arruda é casada, mãe de 8 filhos, 16 netos e 8 bisnetos, está na faixa etária dos 80 anos, afirma não frequentar nenhuma denominação religiosa. Reza apenas conhecidos e não gosta que seus vizinhos saibam, pois alega que já sofreu muito com a discriminação; afirma que não segue nenhuma crença, acredita que seu dom é para ajudar os menos favorecidos. Uma fala dela no início da entrevista marcou muito:

Como você descobriu que rezo? Não gosto que meus vizinhos saibam que sou rezadeira pois eles associam a bruxaria ou que faço coisas ruins. Mais estas pessoas sempre mim procuram quando precisam de uma folha para fazer um chá ou um banho com alguma planta (DONA ARRUDA, março de 2022).



**Figura 4:** Planta Arruda do quintal da residência da rezadeira (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).

O motivo da escolha para esta rezadeira ser chamada de Arruda nesta pesquisa, foi devido as características da planta serem muito parecidas com a entrevistada. Além de seus usos medicinais, acredita-se que a planta Arruda também conta com propriedades espirituais, podendo ser utilizada de diversas formas: seja para repelir o mau olhado ou como forma de proteção, religiões ao redor do mundo fazem proveito dessa planta, desde a base até suas folhas. É uma planta muito utilizada por essa rezadeira.

A foto abaixo foi feita durante a pesquisa no próprio quintal da rezadeira intitulada Dona Malva.



**Figura 5:** Planta Malva da frente da casa da rezadeira (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).

Dona Malva informou que tem 76 anos, é viúva, teve 4 filhos, porém não vigaram, se declara do Candomblé e, toda desconfiada, relata: *“Menina, podemos falar das rezas, das plantas e de qualquer outra coisa mais não irei falar sobre minha religião para você”* (DONA MALVA, abril de 2022).

Esta rezadeira será chamada de Malva pois em sua residência possuir várias mudas

dessa planta. É uma planta medicinal da espécie *Malva Sylvestris*, rica em compostos fenólicos e flavonóides, com propriedades antioxidantes, antimicrobianas e anti-inflamatórias, pode ser usada para aliviar a congestão nasal, combater e prevenir infecções, principalmente na boca, e aliviar os sintomas de doenças de pele.

Dona Espada-de-São-Jorge é viúva, não conseguiu engravidar, está na faixa etária dos 70 anos, se declara católica, porém durante a entrevista narrou já ter sido do Candomblé: *“Menina, frequentei o Terreiro de Mãe Filomena de criança até seu falecimento. Já frequentava a Igreja Católica para evitar a discriminação mais depois de sua passagem fiquei só na Igreja”* (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

A escolha por esse nome para esta rezadeira foi justamente pelas falas de já ter sido do Candomblé e hoje frequentar a Igreja Católica e esta planta também ser chamada de Espada-de-Ogum. Para as pessoas que seguem religiões de matriz africana, essa planta serve como um amuleto de proteção, assim como, a Arruda e a Aroeira. Outras pessoas utilizam a Espada-de-Ogum como forma de afastar energias negativas de um determinado cômodo ou região da casa.



**Figura 6:** Planta Espada-de-São-Jorge (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).

Ao longo das entrevistas fiquei muitas vezes emocionada na casa desta rezadeira, justamente pelas falas e narrativas dela se cruzarem com a história de vida da minha avó materna.

Menina, te vi pequena. Dona Jarde sempre te trazia aqui com tua mãe. Tua mãe não foi rezadeira como tua vó mais sempre cuidava dos doentes. E não era fazendo apenas curativo não era orientando com as ervas. Sua mãe dominava a cura pelos chás e xaropes (junho de 2022).

Para proceder com nossa pesquisa, adotamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Alves (1992) aponta que esse tipo de pesquisa requer rigor metodológico por parte do pesquisador, a fim de produzir um conhecimento significativo e relevante para o avanço na área em estudo.

Godoy (1995) salienta que estudos qualitativos exigem do pesquisador seguir um cronograma bem elaborado, além de comprometimento com a análise dos dados. Requer interpretação crítica das hipóteses, de modo imparcial, sem atribuir juízo de valor ao que outros autores apontam. Entretanto, o pesquisador pode indicar lacunas, desafios, possibilidades e caminhos para avançar na problemática, pois, sob um mesmo objeto de investigação há a possibilidade de lançar diversos olhares.

Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. Pretendemos analisar qualitativamente os dados coletados visto que objetivamos fazer uma análise subjetiva sobre o fenômeno pesquisado.

Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório, pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito. Além disso, visa o aprimoramento de ideias, buscando descobrir algumas intuições (GIL, 2002).

A hermenêutica da profundidade de Thompson considera que utilizando a hermenêutica consegue desenvolver um método que difere de outros, porque propõe uma pesquisa sócio histórica, que não se trata apenas de uma concatenação de objetivos e acontecimentos que estão ali para serem observados e explicados como é feito nas ciências naturais (THOMPSON, 2002). A hermenêutica desenvolve ferramentas teóricas e metodológicas para o pesquisador, que tem a possibilidade de produzir análises do contexto sócio histórico e espaço-temporal, que cerca o fenômeno pesquisado, podendo elaborar análises discursivas, de conteúdo; semióticas ou de qualquer padrão formal que venha a ser necessário; pode decompor a ideologia como vertente social importante, conferindo um caráter potencialmente crítico à pesquisa (SCHIMIDT, 2012).

As entrevistas tiveram caráter aberto, semi-estruturada, e foram fundamentais, pois, permitiram a coleta de indícios mais profundos sob o modo como cada rezadeira percebe e

significa sua realidade. Elas foram gravadas em áudio e originaram anotações no diário de campo, a fim de que eu pudesse ter mais subsídios para as análises. Foram transcritas na íntegra, e mantidas as expressões coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas e vícios de linguagem, por serem elementos linguísticos cheios de significados.

### 3 IDENTIDADES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS

Sabe-se que a cultura pode variar muito de acordo com o constructo social. Segundo Scliar (2007), também o conceito de doença pode variar de acordo com muitos fatores, sejam culturais, sociais ou econômicos:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas (SCLIAR, 2007, p. 29).

De acordo com Conceição (2011), rezadeiras e rezadores se enquadram em um grupo social e cultural bem definido que diz respeito a trabalhadores rurais. Aplicam, portanto, seus conhecimentos sobre ervas, plantas e emplastos associados a fé e crença em divindades sobrenaturais a fim de proporcionar cura de doenças. São pessoas normalmente consideradas sábias pelos mais jovens e são comumente procurados para realizar as práticas curativas ou compartilhar esse conhecimento.

Para a autora, as práticas passadas oralmente possuem aspectos importantes como a composição de um universo construído desde a infância, permeado pelo mágico e o sobrenatural, a partir das observações das práticas realizadas pelos anciãos, bem como, a familiarização com ervas e raízes. Além disso, a cultura da benzeção está comumente vinculada a um dom divino ou espiritual.

A cultura do benzimento no contexto estudado revela um universo permeado pelo feminino, tendo a infância e a gestação como período etário privilegiado, vinculado ao cuidado das mulheres dispensado aos pequenos. Cuidado presente tanto na realização de práticas de cura por mulheres idosas que caracterizam as benzedadeiras, quanto em seu público, formado em sua maioria por mulheres mães e avós. As quais buscam as benzedadeiras desde a gestação, após o nascimento das crianças e seguem visitando-as mesmo com seus filhos adultos, atrás de alívio às angústias dos seus, sejam eles filhos crescidos, maridos, familiares, amigos e conhecidos (LEWITZKI, 2019).

Foi entendido que a necessidade de discutir as contribuições da espiritualidade como parte das experiências humanas é fundamental. A busca pela compreensão dos processos evolutivos de cura tendo como base esse preceito é cada vez mais comum, nossos ancestrais se utilizavam de diversos recursos que hoje aplicados demonstram por si só sua efetividade. Maraldi e Martins (2017), colocam que:

[...] ao utilizar recursos como cantos, tambores, danças e encantamentos diversos, atuavam sob princípios análogos ao que conhecemos hoje como sugestão, hipnose e indução a estados dissociativos, os quais teriam significativa eficácia terapêutica para redução de dor, facilitação de parto, controle de perda de sangue, alívio de transtornos psicológicos e melhoria da saúde geral (MARALDI; MARTINS, 2017, p. 5).

Embora os ancestrais não dispusessem de outras ferramentas para estimular processos de cura, ainda assim o faziam, tais ações poderiam servir como pressupostos para as pesquisas atuais acerca do funcionamento do nosso corpo e nossa mente que, ao passar por diversos processos evolutivos, cria mecanismos de defesa que evoluem para curas espirituais, o que os supracitados autores chamam de coevolução genes-cultura baseada na Teoria da Cura Ritual (MARALDI; MARTINS, 2017). Verifica-se então que os conhecimentos das rezadeiras e benzedeadas a partir de suas práticas religiosas possuem efeito positivo no organismo humano.

Além da fé eu tenho a responsabilidade de zelar pelo bem estar dos que mim procuram sem nada cobrar. Escutava da minha vó que quem cobrava Ossain tirava o poder que temos com as plantas e a cura. Não estou falando de religião estou narrando a fé dos meus (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

Não obstante a isso, a origem desses conhecimentos nas culturas afro-brasileiras e africanas passadas pela oralidade, talvez por este aspecto intrínseco dessa cultura, existe muitas variações e crenças, até mesmo que diferenciam os conceitos de benzedeadas, rezadeira e curandeiro. De acordo com Santos (2009), os curadores, diferentemente das benzedeadas, possuem a capacidade de se conectar com forças superiores, além da oração e da bênção, ao passo que as benzedeadas se limitam à reza e à bênção.

Deus te viu (nome da pessoa que esta sendo rezada), Deus te criou, Deus te livre de quem para você com mal olhou. Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo a Virgem do pranto, quebrai este quebranto! Eu te benzo pelo nome dos que te puseram na pia, em nome de Deus e da Virgem Maria, e das três pessoas da Santíssima Trindade, eu te benzo! Deus nosso Senhor que te cura! Deus que te acuda nas tuas necessidades. Se teu mal é quebranto, mal invejado, olhos atravessados ou qualquer outra enfermidade! Se teu olhado é no comer, no beber, no sorrir, no zombar, na tua formosura, na tua gordura, na tua postura, na tua barriga, nos teus ossos, na tua cabeça, na tua garganta, nas tuas lombrigas, nas tuas pernas! Que Deus Nosso Senhor que há de tirar, vem um anjo do céu, deita no fundo do mar onde não ouça galinha e nem galo a cantar! (DONA MALVA, abril de 2022).

Nessa perspectiva, Araújo *et al.* (2017), postula que a tradição é milenar, e a prática da reza tornou-se um ofício. Por se desenvolver geralmente em lugares onde a prática de medicina “oficial” era negligenciada, o saber e fazer da rezadeira emerge como alternativa através de práticas de reza e cura advindas da sabedoria popular.



Com dois puseram, com três eu tiro. Com as três pessoas da Santíssima Trindade, que tira quebranto e mau-olhado, pras ondas do mar, pra nunca mais voltar! Com dois puseram, com três eu tiro. Com as três pessoas da Santíssima Trindade, que tira quebranto e mau-olhado, pras ondas do mar, pra nunca mais voltar! Virgem Mãe da Conceição! Mãe do poderoso Deus! Tirai este mal, este quebranto do corpo. Deus te fez, Deus te criou. Deus perdoa, a quem mal te olhou. Em louvor à Virgem Maria, Padre Nosso e Ave Maria! Se estiveres com quebranto, mau olhado, (nome da pessoa a que esta sendo rezado), que em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado e lá desapareça! Repito essa oração três vezes sempre trocando as folhas de malva (DONA ARRUDA, maio de 2022).

Maraldi e Martins (2007), apontam que os rituais foram tecidos ao longo de milênios, e estes estão traduzidos em diferentes culturas que conhecemos atualmente:

Ao mesmo tempo, em um processo de tentativa e erro diante do que apresentava maior ou menor eficácia terapêutica, os próprios rituais de cura teriam sido lapidados ao longo dos milênios, evoluindo para as formas de cura espiritual que conhecemos atualmente, como xamanismo, cirurgias mediúnicas etc. (MARALDI; MARTINS, 2017 *apud* MCCLENON, 1997, 2006, p. 5).

Diferentes abordagens são utilizadas para compreender as questões que permeiam as crenças. Neto e Junior (2019), nos apresentam as perspectivas de que a fé que induz a práticas saudáveis é madura, ou seja, contém elementos que elevam a visão do humano sobre si mesmo e sobre a vida, estando ele mais próximo da divindade, onde é guiado na direção de um bem maior e, por consequência, do livramento de suas enfermidades. “A religião pode ser importante para que a pessoa evoque sua energia (ativa), alinhe-se com o melhor pensamento de uma determinada tradição (boa) e ajude-a a desenvolver autonomia, autoestima e autocontrole (útil)” (NETO e JÚNIOR, 2019 *apud* MALONY, 1991; 1992).

Verificados os inúmeros benefícios da crença, também devem ser citados a importância para a construção cultural e identitária de um povo. De acordo com Martins e Josefina (2011), normalmente rezadeiras são pessoas simples, de diferentes religiões, podem ser espíritas ou cultuar imagens de orixás, como Iemanjá cultuados em religiões africanas, muitos, também se declaram católicas. Dona Malva, por exemplo, relata sobre a relação do orixá Ossain com as ervas: “*Conheço ervas e raízes que ajudam no tratamento de vários tipos de doenças e quando frequentavam o terreiro tinha a oração dedicado para Ossain. Confesso que até hoje não tiro uma folha sem pedir licença para ele* (DONA MALVA, abril de 2022).

No entanto, Nascimento (2014) aponta os conflitos das crenças de outras religiões com as tradições católicas no Brasil. A saber, as tentativas de eliminar as tradições africanas

no país a partir do processo de catequização ainda durante o Brasil Colônia, tinham por objetivo também eliminar as práticas de cura e alcance da graça.

Menina já frequentei o terreiro e era perseguida pelos vizinhos, amigos e até familiares. Depois que Filomena faleceu se afastei do terreiro e aos poucos fui passando a frequentar a Igreja católica e hoje, quem mim criticava, hoje vem para que eu reze. Como se por ser católica rezo diferente (DONA ARRUDA, maio de 2022).

As rezadeiras, em sua maioria, se declaram católicas, embora suas ações não correspondam às exigências da Igreja Católica. Isso porque elas pertencem ao que chamamos de catolicismo popular. Esse é completamente tomado de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida, também se configuram em uma grande força de resistência (SILVA, 2009).

Eu rezo para tudo. Mau-olhado alguns chamam de quebranto, espinhela caída, vento virado, erisipela, cobreiro e também rezo para a paz familiar. Observo que muitas pessoas que tem preconceito com minha religião mim procura para rezar e ainda tem a cara de pau para pedir para não comentar com ninguém (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

Atualmente ainda há certa intolerância com práticas religiosas de origem africana. No entanto, as autoras Nascimento (2014) e Silva (2009), apontam que algumas pessoas possuem uma noção de duplo pertencimento, tanto à religião católica quanto a outras religiões, também podem unir os princípios do espiritismo de Allan Kardec a outras práticas umbandistas, entre outros, contribuindo para a formação da diversidade religiosa no país. O povo de santo continuou a se declarar oficialmente católico. Vai mantendo as suas tradições através de seus rituais, realizados de modo velado e, às vezes, até mesmo mascarado sob o manto sagrado das práticas religiosas do catolicismo (AGUIAR, 2007).

A crença leva o ser humano a vivenciar o lado divino da vida, podendo guiá-lo em suas decisões e caminhos, sendo assim, precisamos respeitar as crenças das pessoas independente de qual seja.

Apesar da imposição do cristianismo por séculos, vemos, ainda, claramente, as permanências das religiões afro indígenas nas rezas, nos rituais de cura e benzedura, no uso das plantas medicinais, nas práticas xamânicas, como pedidos e orações a entidades como “preto velho” ou “caboclo das matas”, nos discursos orais como se observa numa fala corrente na região, isto é, no dizer que “fulano de tal parece ter o corpo fechado” (SILVA, 2017).

Ao contrário do que parecem a alguns estudiosos, que o paciente buscava outras práticas curativas somente após passar por todos os hospitais, centros de saúde, clínicas e consultórios médicos sem obter a cura esperada, a solicitação dos sujeitos em busca de outros ofícios curativos, praticadas pelas benzedadeiras e rezadeiras eram usuais e geralmente ocorriam antes mesmo de o paciente consultar médicos qualificados ou simultaneamente com o atendimento médico.

Em centros urbanos, apesar das dificuldades próprias do dia a dia, ainda é possível localizar senhoras que benzem, mesmo com a redução do ritmo de consulentes que buscam tal encaminhamento para seus problemas. Pode-se aludir que essas senhoras ainda residem em localidades residenciais, mesmo contando com a presença de estabelecimentos comerciais de pequeno porte e talvez isso ainda seja um aspecto favorável à interação dos vizinhos e consequentemente divulgação do benzimento (AVELAR, 2014).

Dessa forma, as diferentes práticas de cura podem ser compreendidas não apenas como atitudes, valores e significados, mas também achadas no quadro das relações sociais e experiências dos sujeitos históricos envolvidos.

Existe doenças, que eu não removo. Se eu Conheço os males da pessoa eu só rezo uma vez. Não precisa rezar três vezes, não. Agora, há o mau-olhado, que é difícil, algo com raiva ou vingança. Que não dá pra mim. Apenas uma pessoa tem tal guia os caboclos que pode desfazer alguma coisa desse tipo. Pois cada um em seu espaço. (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

Já Dona Beca descreve:

Cada um cura à sua forma. Sua mãe cuidava das feridas, queimaduras e tantas outras coisas. Os médicos faz cirurgias que eu não sei fazer. Mais eles não sabem curar: espinhela caída, mau-olhado, encosto, cobreiro entre outras coisas que rezo. Até por que tua mãe já trouxe várias pessoas aqui para eu rezar. Inclusive você e sua irmã. Acredito que cada um em seu lugar ajuda quem precisa (DONA BECA, maio de 2022).

Para as Bezendeiras, as enfermidades curadas são consideradas perturbações que atingem não só apenas o corpo, mas estão ligadas diretamente a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano de cada pessoa. A reza é um dos principais elementos para a cura dos efêmeros para as benzedadeiras, ou seja, é a força da palavra que ao ser pronunciada o mal se distancia naturalmente (CALHEIROS, 2017).

A prática de benzedura é um saber prático e experiencial que não advém de uma especialização formal como no caso dos médicos e farmacêuticos. Entretanto, como todo procedimento de cura, a benzeção possui restrições, pois nem todos os males podem ser curados por meio de benzimentos. Há doenças graves ou incuráveis que necessitam da intervenção e acompanhamento médicos, sobretudo nos dias atuais, quando o acesso ao tratamento médico erudito tornou-se mais fácil e disseminado, inclusive no meio rural (MOURA, 2009).

As práticas relatadas pelas rezadeiras estavam diretamente relacionadas aos comportamentos vivenciados pelas pessoas do bairro do Mandacaru, ou seja, determinado comportamento foi aprendido porque alguém do grupo já o havia feito, ou se preocupou em transmitir determinado tipo de comportamento.

Há uma relação de pertencimento e identificação na realização de determinadas práticas. Na cultura popular, o pertencimento revela identidades individuais e grupais.

O objetivo dos que as procuram está na busca de orações para as circunstâncias nas quais entendem que o recurso ao divino pode ser utilizado para resolver algum tipo de problema físico ou espiritual. Assim, a reza se posiciona como parte da história da comunidade e do lugar onde vive por meio do conhecimento que adquire na própria comunidade através dos mais velhos.

### **3.1 A Memória das Rezadeiras do Mandacaru**

Inegavelmente, as mulheres rezadeiras são marcadas por uma espécie de “grande memória”, uma vez que armazenam ao longo dos anos tradições, podendo repassá-las a outras gerações. A memória nesse sentido é aquela “[...] na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1983, p. 471).

As rezadeiras realizam seus trabalhos através de rituais e preces, buscando a cura de doenças e a solução de problemas. Geralmente, elas utilizam ervas, velas, águas bantas, poções, amarrações, banhos especiais, cruces, amuletos e outros elementos. Além disso, elas também podem oferecer conselhos e interpretar sonhos. “Aqui no Brasil, isso é visível, por exemplo, com o catolicismo popular, berço das rezadeiras, que é representado pelas romarias, ofícios e rezas em casas, peregrinações, devoções, dentre outros” (SILVA, 2009).

Apesar de não terem aprovação da Igreja Católica, as rezadeiras têm sido reconhecidas como parte de uma forma de religiosidade popular, por serem consideradas um meio para acessar a cura espiritual e física. Elas são vistas como fontes de sabedoria e conhecimento,

que possuem a capacidade de ajudar a quem os procuram, na sua maioria os menos favorecidos.

Portanto, aviso que para chegar até a casa da benzedeira não se recorre apenas ao endereçamento informado por ruas, números e bairros, o importante nesse contexto é a referência da benzedeira no exercício da prática de cura. Tal reconhecimento social forma-se a partir das pessoas que lhe buscam em suas casas e através dos atendimentos recebidos disseminam informações sobre a benzedeira e a localização de sua morada, bem como suas formas de benzer, atender os visitantes e, principalmente, a eficácia de suas práticas (LEWITZKI, 2019).

Além de oferecer a alternativa de tratamento, as rezadeiras oferecem conforto emocional e espiritual, o que é essencial para o processo de cura. Elas acreditam que a doença tem um componente espiritual e que a cura depende da união entre o paciente e o bem-estar espiritual. Para elas, a cura é alcançada através do equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito.

O bairro do Mandacaru, que é o local de influência e da ação das mulheres rezadeiras, é uma localidade onde se observam as contradições sociais e econômicas adversas no Brasil. Sendo assim, grande parte dos moradores integram às classes menos favorecidas economicamente e sofrem com falta de infraestrutura. Recentemente, foram construídos dois conjuntos de casas populares do programa habitacional, *Minha casa, minha vida*. Outros sub-bairros dentro do Mandacaru há tempos anseiam por pavimentação, como é o caso do Itaiagara, Caranguejo, Alto do Manoel Gomes e Loteamento Zibrune. O bairro abriga a sede da Associação das Donas de Casa da Bahia, uma entidade não governamental que se preocupa com problemas da comunidade, o Estádio de Futebol local, algumas garagens de empresas de ônibus e um importante centro industrial, já no limite com o bairro do KM III.



**Figura 7:** Registro do bairro Mandacaru sentindo nascente. (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).



**Figura 8:** Registro do bairro Mandacaru sentindo poente. (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).

Existem muitos moradores antigos e algumas tradições populares ainda são mantidas. Tradições essas que ratificam a ideia de que as atividades desenvolvidas pelo ser humano ao longo dos anos se consolidam com a prática constante de costumes:

O complexo dos modos de vida, dos usos dos costumes, das estruturas e organizações familiares e sociais, das crenças do espírito, dos conhecimentos e das concepções dos valores que se encontram em cada agregado social: em palavras mais simples e mais breves, toda atividade do homem entendido como ser dotado de razão. (SATRIANI, 1896, p. 41).

Certas manifestações culturais foram percebidas no bairro, como um grupo de Terno de Reis, Folguedos (tentativa de reestruturação do grupo de Folguedos do Mandacaru pela Associação das Donas de Casa) e a ação das rezadeiras. Esses grupos têm relação, na medida em que reproduzem as manifestações e a cultura popular.

No caso das rezadeiras, evidenciou-se que suas memórias e suas manifestações, cujas famílias ascendentes são oriundas do campo, que ao fixarem residência na nova cidade, continuaram exercendo as práticas de cura já praticadas por suas mães e avós.

Essas práticas vêm ajudando os moradores deste bairro a terem alguma referência em bem-estar, mantendo viva a tradição da benzedura e da reza. Isso se dá, entre outros fatores, com a divulgação do sucesso da cura por parte do morador, corroborando para a manutenção

da confiança, do respeito e credibilidade da figura da rezadeira.

É possível afirmar que as rezadeiras do Mandacaru, em diversos momentos do cotidiano, adquiriram caráter de líderes religiosos e, também, de figura médica nas comunidades distantes dos hospitais da cidade. Os fiéis, ao depararem com situações complicadas que envolviam doenças e, ao mesmo tempo estando-os desprovidos de condições de deslocamento até esses hospitais, que por sua vez, não se localizam no bairro – como o Hospital Geral Prado Valadares –, buscam no mundo religioso, as soluções para os seus males cotidianos. Porém, quando elas percebem que não conseguem resolver a demanda encaminham imediatamente para um médico.

As próprias benzedoras relatam situações em que, afetadas por alguma doença, como numa pneumonia, procuram os serviços médicos ou de uma enfermeira conhecida. Apesar de atribuírem, em diversas situações, a origem da doença a uma causa espiritual ou metafísica, isso não implica negar a explicação científica da doença (QUINTANA, 1999).

Sem contar que a ajuda também se dá a nível econômico, uma vez que muitas pessoas não precisam pagar a consulta. São, nesse contexto, promotoras de saúde e de bem-estar social por natureza, uma vez que, com suas práticas, acabam garantindo alguns direitos básicos do cidadão. Essas informações são confirmadas a partir do diálogo com moradores do bairro e das vivências descritas pelos mesmos.

A rezadeira do Mandacaru acaba se posicionando como a figura de ligação, entre o fiel e o desejo pela cura dele. Este mesmo fiel, revestido também de um cidadão desprovido da assistência médica, debruça-se sob a religiosidade que o serve de possibilidade, que supre a ausência do poder público. Diante das dificuldades que aqueles moradores enfrentam no que diz respeito aos serviços de saúde, essas práticas se respaldam e se consolidam como mecanismos de atenção, de cura e promoção da própria saúde (ALMEIDA, 2014).

A permanência da tradição da benzedura e das rezas de cura no bairro deve passar, sobretudo, pela tomada de consciência de sua população, no sentido de continuar atribuindo a essas mulheres – através de seus rituais de cura – exemplos claros de que o religioso está suprindo uma necessidade social. É evidente que modificações serão inevitáveis dentro de contextos modernos, mas a inclusão de outros formatos é possível à medida que os moradores do bairro se constituam em facilitadores e divulgadores para a manutenção da tradição oral e o rico patrimônio imaterial que certas rezas – contra mau-olhado, espinhela caída, quebranto, enxaqueca e outros males do corpo e da alma, incluindo até as dores de amor – se constituem.

A atividade das rezadeiras não é uma prática que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma realidade dinâmica na qual interagem vários sujeitos históricos e ajuda a construir um modelo de vivência na religiosidade popular (THEOTÔNIO, 2010).

Registro de alguns altares das rezadeiras que fizeram esse trabalho acontecer.

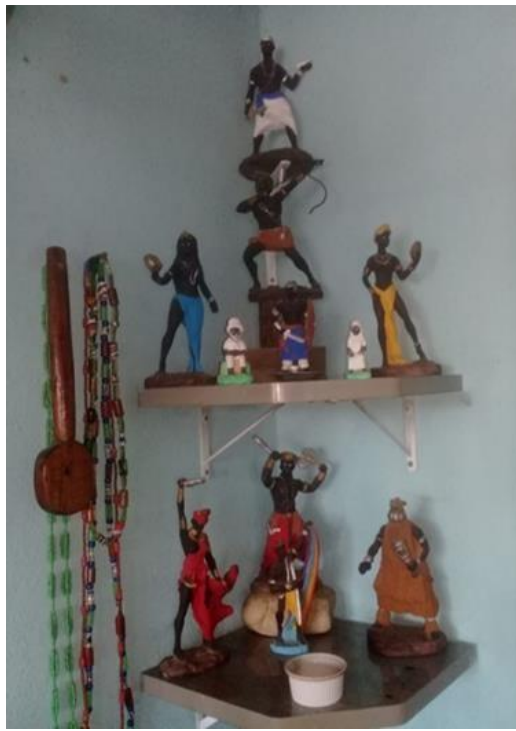


**Figura 9:** Altar da rezadeira Dona Arruda. (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022).



**Figura 10:** Altar da rezadeira Dona Malva na sala. (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022).





**Figura 11:** Altar da rezadeira Malva no quarto. (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022).



**Figura 12.** Altar da rezadeira Espada-de-São-Jorge. (Fonte: arquivo da pesquisadora, 2022).

A população continua sendo o principal elemento comunicador dos resultados das rezas, o que fortalece seu caráter sagrado e cultural. Assim, esses saberes podem ser recriados pela comunidade, uma vez que essas:

[...] práticas culturais estão sendo recriadas e recicladas, mas o fato é que, enquanto os homens acreditarem em um poder superior ao seu para estabelecer certo grau de harmonia e ordem em suas vidas cotidianas, enquanto o emocional necessitar do religioso para encontrar equilíbrio e paz, a busca pelos rituais mágicos continuará em uso (MACHADO, 1998, p. 245).

A memória das rezadeiras do bairro Mandacaru, no que diz respeito à transmissão de saberes, de reza e manutenção da tradição, é um importante achado para ratificar a influência destas na comunidade em que atuam. Através de pesquisas e, até mesmo escutando a letra da canção de Beth Carvalho, Senhora Rezadeira, que ao longo da escrita muito ajudou a reviver a história de vida destas rezadeiras e, ao mesmo tempo, perceber que as vivências destas mulheres se cruzam com a minha própria trajetória como neta de uma das rezadeiras deste bairro.

Senhora Rezadeira  
Beth Carvalho

Ó senhora rezadeira  
Rezadeira  
Ô rezadeira senhora  
Minha senhora  
Senhora rezadeira  
Reze uma prece com fé  
Pra que a raça brasileira  
Esteja sempre de pé  
Reze pra que o nosso povo  
Viva sempre a liberdade  
E construa um mundo novo  
Cheio de felicidade  
Falei ô senhora  
Reze pra que a lua mansa  
Nunca deixe de brilhar  
E na vida a esperança  
Nunca venha nos faltar  
Reze pra que a falsidade  
Seja sempre superada  
E que o amor e a bondade  
Andem sempre de mãos dadas  
Falei ô senhora  
(PORTELA; DIDA, 1998)

Não posso esquecer o quanto fiquei emocionada quando na qualificação o Professor Dr. Sandro dos Santos Correia (UNEB) trouxe a importância desta música para as rezadeiras e para o meu trabalho, bem como o quanto essa letra ajudou nas horas de dar vida e sentidos às falas e histórias dessas mulheres que, com muita reza e esperança, ajudam a sua comunidade.

As práticas dessas mulheres começaram desde cedo a partir da observação dos costumes de seus familiares, mas que se traduziram principalmente, não pela simples necessidade de continuar exercendo essas práticas – por “herança” do saber do pai ou mãe –, mas pela espontaneidade em continuar a exercê-las, por acreditarem ser um dom sagrado e que não poderiam fugir desse legado.

A partir dessas questões envolvendo necessidade de tradição, conhecimento popular e memória, entrevistamos as rezadeiras do bairro do Mandacaru: Dona Beca (não quis falar o nome do registro), Dona Arruda, Dona Malva e Dona Espada-de-São-Jorge, as quais

informaram importantes contribuições.

Dona Beca afirma em um de seus depoimentos que

Desde menina que via minha mãe rezar as pessoas que procurava ela [...]. Olhava e olhava aquilo, mas para a frente que fui fazendo minhas próprias rezas com palavras que vinha da minha cabeça mesmo e com algumas que aprendi vendo as rezas de minha. Mas era mais diferente porque eu gosto de colocar nas minhas as vocações de Santo Expedito que acredito muito e levo muita fé (DONA BECA, março de 2022).

Como é observado, o ofício da rezadeira vai além da condição de tradição familiar, uma vez que a rezadeira desenvolveu sua reza. A contribuição trata-se de uma reflexão visando reconstituir processos históricos por meio de expressões particularizadas da forma como foram vivenciados, no cotidiano da rezadeira que cultiva a tradição ancestral.

Em relação ao seu legado, Dona Arruda oferece a seguinte contribuição:

Sempre achei que ia continuar as tarefas deixadas por minha mãe porque ela disse um dia assim para mim: Minha filhinha, Deus te abençoe e São Francisco e a Virgem Maria e Nosso Senhor de Nazaré, pois dessas minhas meninas, foi tu que foi escolhida para rezar e bendizê as pessoas quebrando o mau olhado que elas podem carregar e os mal que cai em cima delas. Eu devia ter de dez para doze anos de idade, mas aquilo eu nunca me assustei. Não vivo só disso porque sou aposentada, mas eu faço porque minha mãe queria que eu fizesse e também porque sempre gostei (DONA ARRUDA, março de 2022).

Essa contribuição enfatiza a diversidade de maneiras de como as rezadeiras aprenderam a fazer suas rezas, pois, geralmente, o conhecimento particular e preferido de uma rezadeira é passado através de parentes próximos que tinham ou tem os saberes das rezas, em geral, avós ou mães.

A transmissão feita por laços de parentesco é a mais comum. O dom passado para algum membro da família (consaguíneo ou não) que apresente as características necessárias para a prática do ritual, com interesse, respeito e convivência com aquele que benze. Dessa maneira, a pessoa escolhida traz em si o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras (MOURA, 2009).

Outras dizem ter conseguido o conhecimento através do “*dom que Deus lhe deu*” e que veio como guias, sonhos e visões. Na fala de Dona Malva, a questão do dom de bendizer e rezar, fica ainda mais latente:

Eu já nasci com esse dom da reza, sou devota de São Cosme e São Damião desde cedinho e nas minhas orações eu sempre os invoco. Mas antes de terminar a prece é preciso invocar o nome de Jesus Cristo que é quem resolve tudo por nós. Vi muito a

imagem de Jesus desde criancinha que rezo sozinha, primeiro via minha mãe que rezava para a pessoa, mas carece que a gente precisa também rezar com sua consciência para que o dom continue com a gente. Nunca fiz outra coisa da vida, mesmo com a aposentadoria, ainda faço minhas rezinhas para quem tem fé nelas [...]. Acho que já nasci com esse dom que foi Deus em primeiro lugar que me deu, depois foi Nosso Senhor Jesus Cristo. A pessoa sempre traz menino aqui para eu rezar quando nasce ou quando adoce né? (DONA MALVA, abril de 2022).

Por meio da palavra proferida através da reza e pelo exercício da memória social e coletiva destas sacerdotisas populares, esses saberes que foram adquiridos acabam sendo transmitidos e também, de forma dinâmica, reconstruídos se moldando à realidade atual. Nesse processo é importante frisar que o que acontece, nada mais é que a transformação do dom em palavra e que, por sua vez, se traduz em cura. A palavra falada, portanto, tem o dom de curare perpetuar o que é sagrado.

De acordo com Saborit (2009), mesmo durante a Revolução Francesa, a prática de rezar era estipulada pelas crenças religiosas, visando conexão com Deuses ou Deus, o mesmo que elegia os reis, interviesse em proteção ao reino, assim, o ato de rezar era motivado também por ordem real: “Assembleia Nacional concedia ao rei o título de ‘Restaurador da liberdade francesa’; em 13 de setembro, obedecia-se à ordem real de rezar pela calma no reino” (SABORIT, 2009, p.14).

Além disso, Alves e Minayo (1994) afirmam que, no Catolicismo, a representação geral da cura está vinculada à atribuição do sagrado, à reza, à devoção e também há relação com a bênção concedida. Dessa forma há uma relação do devoto com o local em que recebe a graça, considerando-o um local de luz.

Alves e Minayo (1994) pautam ainda sobre a cultura popular do catolicismo e demonstram que, assim como na ação das benzedadeiras, há costume de benzer objetos, água, bem como há o local em que acreditam que são realizados os milagres. A fé também é fundamental para a manutenção das atividades de fiéis católicos e de outras religiões ou crenças.

A reza é a principal atividade das rezadeiras, por rezar por cura, também podem ser conhecidas por benzedadeiras e curandeiras. Quando os homens são reconhecidos como curandeiros acredita-se que, além de se conectarem através da reza, eles possuem uma conexão com forças superiores. Quanto às mulheres, a maior importância está vinculada à transmissão de saberes oralmente de geração a geração (ALMEIDA; PEROVANO FILHO, 2021).

Existem muitas identidades étnicas no Brasil que estão vinculadas a características

sociais e culturais que unem comunidades. Almeida e Perovano Filho (2021) indicam que há muitas semelhanças entre as práticas de rezadeiras em diferentes regiões do Brasil e suas diferenças estão relacionadas, provavelmente, aos pertencimentos religiosos de seus ancestrais. Os povos de matrizes africanas e indígenas, principalmente, possuem ainda mais semelhanças devido ao intercâmbio realizado entre algumas dessas culturas no território brasileiro, bem como o sincretismo religioso que propiciou o diálogo com o próprio catolicismo, como nos relata Dona Espada-de-São-Jorge (Abril de 2022): *“Hoje acho que minhas rezas têm elementos da época que frequentava o terreiro e algumas coisas da Igreja Católica. Uma mistura, pois eu guardo os ensinamentos de Mãe Filomena”*.

A reza em si é utilizada para dar bênçãos ou promover curas e milagres, podem ser feitos também rituais ou simpatias, mas a reza é a prática mais difundida. “A rezadeira ou benzedeira teria um papel de intermediadora entre o homem e o sagrado. A partir disso, se alcança a cura, através da prece” (ALMEIDA; PEROVANO FILHO, 2021, p. 6). Segundo Marin e Scorsolini-Comin (2017), a benzeção ou benzimento, assim como outras práticas religiosas e médicas populares, começou a se desenvolver no Brasil ainda no período colonial, no século XVII, e atualmente os grupos encontram dificuldades de transpassar conhecimentos aos jovens e preservar tais práticas para as próximas gerações.

Para a rezadeira que utiliza a fala como elemento sagrado, crença e fé são indissociáveis, o sucesso de sua ação depende da confiança dos interlocutores:

O que cura é a fé da pessoa, o remédio tem seu valor, mas tem muitas coisas que a fé basta né? A palavra tem que ser forte e tem que ser dita com fé, não pode dizer por dizer porque quando é só para falar, qualquer um pode fazer né? A reza (palavra) tem que entrar bem na pessoa, com fé né? (DONA MALVA, maio de 2022).

Além de preservar o sagrado nas ações, as falas das rezadeiras nesse contexto, se constituem em diversidade de significações simbólicas presentes na cultura popular brasileira. Essas falas denotam ações onde suas emissoras (as rezadeiras) acabam também partilhando, em segundo plano, a figura de mãe, pois tem o dom de cuidar e proteger. De acordo com Cunha (2007), as falas e rezas das benzedadeiras são imbuídas de um conhecimento simbólico, mítico e popular, desta forma essas falas influenciam e participam de uma sociabilidade, simultaneamente, real e imaginária. Isso se afirma na medida em que as rezadeiras são procuradas pelos membros de sua comunidade sempre de forma respeitosa, para prestarem seus serviços.

É essa palavra falada por mulheres que é passada de uma geração à outra, através da

observação, da convivência, mas, sobretudo, do saber construído cotidianamente com a arte de rezar e benzer as pessoas que produz a construção do saber. Leva em conta as experiências e vivências ao longo de suas vidas e no desenvolvimento de sua memória social. A fala que tem o objetivo de rezar, proteger e curar é que pode alcançar outras formas de encarar a realidade, de entendimento e atingir a dimensão do resultado na vida cotidiana, que deve ser vista,

Não como um resquício de formas antiquadas de curar, algo já superado pela ciência moderna. Mas como um ato de resistência política e cultural feito como alguma coisa própria, através de uma cultura que contesta e rejeita a linguagem da opressão, da dominação e da exploração entre os homens. Deve ser vista como uma singela contribuição para um novo projeto de mundo. Contribuição vinda de um grupo de pessoas que está ao lado dos oprimidos, identificando-se com a sua luta e com os seus sofrimentos. E mais do que isso, dando a eles uma explicação e um sentido próprio. Contribuição vinda de um grupo de pessoas que ainda não passou pelo processo de desumanização que acompanha o enriquecimento de bens materiais numa sociedade hostil como é a nossa (OLIVEIRA, 1985, p. 48).

Existe uma imposição de uma cultura elitizada que pode interferir na manutenção da cultura e da identidade de grupos sociais. Quando há preservação de um legado que representa ou pertence às minorias, ou seja, às classes sociais menos favorecidas, que estão muitas vezes às margens da sociedade, ou grupos étnicos, religiosos, ou ainda devido à sexualidade (mulheres, homossexuais, trans., entre outros) é fundamental a promoção de respeito e de sua permanência, pois, representa nossa diversidade. Quando há imposição de outras práticas elitizadas, há a tendência de que culturas de minorias acabem sendo extintas. Além disso, o sincretismo religioso pode favorecer tal processo. As preces e rezas são, sem dúvida, falas que necessitam ser compreendidas e difundidas com maior abrangência, tanto na localidade, quanto na comunidade acadêmica de forma geral e diversificada. Assim:

Compreender o poder da palavra nessa tradição popular é sem dúvida um grande desafio de nossa cultura cotidiana, ainda mais, numa sociedade caracterizada pela técnica, pela informação e pelo conhecimento tecnológico, assim como também, observar o poder da palavra que é saber, é dom e é memória a partir do ofício influente dessas mulheres. Assim também é preciso reconstruir a aquisição das palavras e dos saberes através da memória oral, haja visto que além da fé e da confiança a elas destinadas, as orações constituem-se a partir da palavra, conforme se pode constatar. (CUNHA, 2007, p. 9).

Através da palavra a cultura é passada, concretizada. Há transmissão de informação, conhecimento e transmissão de memórias. A cultura é o conjunto de saberes e práticas que são conservadas a partir da interação entre as rezadeiras e os demais membros da comunidade. Como nos saberes afro-brasileiros, a prática das rezadeiras transmitidas de forma oral está

aliada aos seus saberes e práticas que

[...] são “formuladas” por intermédio da Tradição Oral, não por incapacidade ou falta de tecnologia, mas por entender que no conceito doutrinário, sua raiz se forma na mente em primeira instância, depois se consolida em linguagem escrita, obrigatoriamente transitando antes pela oralidade [...]. Ao optar pela oralidade, as Religiões Afro-brasileiras sinalizam que seus fundamentos são abertos, condizentes com os avanços espirituais do próprio ser humano. A Tradição, sua constante é a contínua mudança, se não em seus aspectos estruturais, de cunho espiritual, todavia todo o mais é adaptável; permite releituras e ressignificados (RIVAS NETO, 2010, p. 84).

Como foi observado nos depoimentos, o dom é uma questão quase unânime e significativa, mas também é possível depreender desses diálogos que as práticas se configuram como exercícios de aprendizado e de vivência, ao tempo em que se constituem como experiências de trabalho que vão além da abrangência material e simbólica dessas práticas. Para a realização dos rituais é comum recorrer aos conhecimentos do catolicismo popular.

Além da manutenção das tradições, a consciência de identidade dos grupos étnicos é capaz de tornar um determinado grupo resistente à imposição de outras culturas. De acordo com Silva (2009), as rezadeiras, enquanto importantes personagens da cultura popular, servem de referência para o estudo da memória, uma vez que essa é indissociável da cultura e das instituições sociais.

A memória precisa ser preservada. Isso ocorre a partir da reprodução dos rituais realizados pelas rezadeiras e a transmissão de saberes ancestrais adquiridos. A permanência das rezadeiras nas comunidades também está vinculada a construção ou preservação da própria identidade de um grupo. Essas memórias ajudam as comunidades a enfrentar situações no presente que já foram vividas no passado, e aprendem a lidar com essa situação a partir da experiência de seus antepassados. De acordo com Silva (2009), a cultura interfere nas experiências do indivíduo diretamente devido à interação deste com a sociedade.

Além disso, a fé é um fator importante para a manutenção das práticas das rezadeiras, uma vez que a crença favorece a interação entre as pessoas e as práticas das rezadeiras, as quais são procuradas devido à fé de que a reza e os rituais possuem poder para promover cura e bem-estar, entre outros.

A partir dos relatos das rezadeiras entrevistadas e, principalmente, pelo estudo sistemático de rezas e benzeduras em vários artigos, é possível afirmar que, em praticamente todos os benzimentos, as rezas devem ser executadas três vezes, sempre em alusão à

Santíssima Trindade e à virgem Maria, como nos relata Dona Malva (Abril de 2022): *“Quando vou rezar sempre repito por três dias seguidos minha preferência é de segunda-feira a quarta-feira, mais a depender do motivo já começo no mesmo dia que sou procurada. A única exigência é ser antes do por do sol”*.

Esse saber que denota as orações, normalmente são acompanhados pelo ato de benzer, ou seja, de traçar o sinal da cruz (às vezes com um ramo de arruda ou outro vegetal) sobre coisas, animais ou pessoas.

Rezo todos os dias sempre no turno da tarde, pois o sol já leva tudo de ruim. Rezo adultos, crianças até animais já rezei de olhado. Sempre peço para as pessoas vir três dias seguidos, porém algumas, quando se sente melhor, nem retorna no último dia (DONA BECA, maio de 2022).

Pode-se afirmar que as benzeduras realizadas pelas rezadeiras têm alguma semelhança com ritos de religiões não cristãs – como o Espiritismo, o Candomblé e o Kardecismo – no entanto, é possível afirmar que tem muita semelhança com os procedimentos sacramentais da igreja católica, pois esses gestos compreendem sempre uma oração, acompanhada de determinado sinal, como a imposição das mãos, o sinal da cruz ou a purificação com água em alusão à água benta da igreja.

Como já frequentei o Candomblé e algumas reunião espirituais vejo coisas dessas religiões na minha reza. Para lhe falar a verdade vejo coisas que hoje são feitas tanto na Igreja Católica como ouço dizer que são feitas em Igrejas de crentes que faço a muito tempo para proteger minha casa e quem mim procura (DONA ARRUDA, abril de 2022).

Os saberes afro-brasileiros se mesclam também às tradições indígenas e religiosas, uma vez que:

Rezas, benzeduras e cumprimento de promessas revelavam uma prática religiosa sincrética. Era a junção da pajelança indígena, dos cultos afros, do catolicismo lusitano e das experiências que surgiam no cotidiano – como a tentativa de eliminar o infortúnio ou de dar sentido às situações inexplicáveis de acordo com o instrumental religioso que os habitantes desse lugar dispunham – que se manifestava nesse catolicismo interiorano, diferenciado do catolicismo das regiões litorâneas, mais próximas do olhar controlador do clero (ARAÚJO, 2008, p. 110).

Essa junção de saberes descrita, nos remete a afirmar que a presença e atuação das mulheres rezadeiras no bairro Mandacaru é, sobretudo, um exemplo vivo da religiosidade originária dessas duas culturas.



Rezo todos os dias menina só não gosto de rezar mulher quando estão naqueles dias, sangrando, e quando ainda eu ficava nesses dias não rezava, agora que estou livre disso rezo sempre que alguém bate a minha porta. Gosto de rezar três dias seguidos mais às vezes à pessoa pelo trabalho não consegue mais sempre solicito vir três vezes. Quando vejo que a pessoa é crente faço questão de enfatizar que sou da macumba. Pois parece que quando é para rezar minha veste, meus vasos e minha casa não encomoda não é lugar do diabo (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, abril de 2022).

O que faz com que essa tradição religiosa brasileira de matriz africana – fundamentada no cotidiano dessas mulheres e que mantem ainda hoje, com uma presença feminina marcante em suas diversas funções, incluindo a liderança espiritual na comunidade. São essas mulheres, as principais responsáveis pela preservação de tradições religiosas de matrizes indígena e africanas no Brasil e, portanto, detentoras de conhecimentos importantes da cultura afro-indígena-brasileira.

A prática de cura das rezadeiras do bairro Mandacaru se fortalece na ideia de reconhecimento da autenticidade de suas ações e nas benfeitorias realizadas na população da comunidade.

É desta forma que essas rezadeiras, possuidoras tanto do dom quanto dos saberes ritualísticos de cura, a partir também da visão da religião e da crença de pessoas que compartilham o mesmo pensamento e conhecimento religioso, por serem mais velhas e de boa índole, gozam de confiança na comunidade que reconhece suas práticas como legítimas essenciais àquela população.

Evidente que em sintonia com o que já fora abordado esse saber popular das rezadeiras é fruto da produção de significados das camadas populares da sociedade, ou seja, das classes dominadas do ponto de vista econômico e cultural. Desta forma, aquelas práticas de curas cotidianas também é a necessidade de desenvolver mecanismos de luta pela sobrevivência. Os meios de resistência constituem um legado de práticas discursivas formadoras de diferentes saberes.

Elas usam o sagrado para buscar a cura e a consciência coletiva da comunidade, seja para a saúde emocional, física ou espiritual, ou para a justiça social. É por meio delas que a comunidade se reúne e se une para reparar as injustiças, para realizar os sonhos, para celebrar a vida e para compartilhar a esperança.

De acordo com Silva (2017), historicamente a importância das rezadeiras se deu por muito tempo devido às dificuldades de acesso ao médico nas comunidades, no entanto, atualmente muitas pessoas possuem preferência por procurar benzedeira antes de se dirigir ao médico, mesmo que tenha acesso. “Portanto, acreditamos que os velhos são fontes de

sabedoria, eles conservam em sua memória as lembranças do passado” (SILVA, 2017, p. 19).

Nesse sentido, para manter as práticas mais antigas como a reza é preciso que exista fé nesse rito, pois é por meio da fé que a benzedeira terá forças para fazer o seu papel, ou seja, surtir efeito e serem passadas as gerações futuras como algo positivo e que traz benefícios aos que a praticam.

As benzedeadas, com sua sabedoria e conhecimento ancestral, são capazes de mobilizar na fé dos benzidos a motivação, o combate à enfermidade e a alegria de viver. Elas conseguem isso unindo as práticas tradicionais e os conhecimentos que a dinâmica moderna traz. Ao acessar o Sagrado Feminino<sup>1</sup>, elas estabelecem uma ligação com a natureza e com a essência superior, e assim, com esse poder, curam por meio da fé. Essas mulheres são a verdadeira prova de que as curas não necessariamente precisam vir da medicina moderna, mas também, podem ser alcançadas por meio das práticas ancestrais. Elas ensinam que o maior remédio para curar o corpo e a alma é o amor, a fé e o cuidado com o meio ambiente.

---

<sup>1</sup> Sagrado Feminino: a transmissão dos ritos das rezas através das mulheres (mãe e filha, avó e neta, tia e sobrinha e até sogra e nora).

#### 4 USO DAS PLANTAS NO COTIDIANO DAS REZAS

Conforme já apontado anteriormente, as rezadeiras ou benzedadeiras usam a fé e as ervas medicinais para curar os doentes. Acreditam que a partir de uma oração pode-se curar ou aliviar as dores de alguém. Elas também acreditam que as ervas medicinais são capazes de curar os males físicos e espirituais. Por isso, usam estas ervas para preparar banhos, poções, unguentos e outros remédios. O trabalho das rezadeiras ou benzedadeiras é baseado na crença de que os espíritos das ervas, quando invocados, podem curar ou aliviar os males.

O fato do conhecimento etnobotânico e místico-religioso concentrar-se entre rezadores com média de idade acima dos 70 anos demonstrou que, na estratégia da manutenção do saber tradicional, a idade avançada dos detentores deste conhecimento é um fator preponderante. Aliada ao fator da idade avançada dos informantes, possivelmente a experiência vivenciada com práticas de rezas e o conhecimento adquirido pelo uso cultural de algumas espécies de plantas faz destas pessoas figuras respeitadas no seio de suas comunidades e talvez, por isso, a própria comunidade as perceba como mantenedoras do saber dos rituais de cura através do uso de plantas (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

Nos procedimentos rituais realizados durante as rezas, em grande parte das atividades, são utilizadas plantas ou ramos para executar movimentos que “afastam” do corpo e depositam as energias negativas em outros campos imaginários como as dores no corpo, o cobreiro (espécie de herpes ou ferida na pele), ferida de boca, vermelhão, mau olhado, ranho dos olhos, dor de cabeça e queimadura, como nos relata Dona Arruda (Abril de 2022): *“Rezo usando folhas de malva ou aroeira observo que quanto pior for o olhado mais a folha mucha rápido. Sem falar que se eu ou a pessoa rezada abrir a boca o olhado foi grande”*.

Enquanto um saber produzido a partir das práticas sociais de grupos específicos, esse saber reproduzido e constituído pode ser considerado como um saber cotidiano do ponto de vista do grupo da comunidade do bairro do Mandacaru, muito embora não seja cotidiano do ponto de vista da sociedade como um todo, do senso comum.

Eu rezo para tudo. Mau-olhado alguns chamam de quebranto, espinhela caída, vento virado, erisipela, cobreiro e também rezo para a paz familiar. Conheço ervas e raízes que ajudam no tratamento de vários tipos de doenças e quando frequentavam o terreiro tinha a oração dedicado para Ossain. Confesso que até hoje não tiro uma folha sem pedir licença para ele. (DONA MALVA, maio de 2022).

De uma maneira geral, esse saber pode não ser um conhecimento necessário para constituir um senso comum, mas é um conhecimento necessário para as pessoas (moradores), que dependem dele, para viverem melhor. Nesse contexto, os usos das rezas, das ervas e

utensílios medicinais nessas práticas terapêuticas confabulam para dar maior precisão aos saberes populares. Esses saberes que geram curas, tem caráter de multiplicidade. Desta forma, não podemos tratá-los apenas como saberes das classes menos favorecidas, mas diversos saberes de diferentes grupos sociais específicos das classes populares. Esses saberes apontam, portanto, para a especificidade e para a diversidade.

Embora de improviso, é possível afirmar que muitos desses rituais seguem um planejamento conforme citado por Quintana (2002), em: o diálogo inicial, a benção e o diálogo final.

Após a entrevista, tem-se o clímax da ação da rezadeira que é a oração, ou reza propriamente dita onde, normalmente, são realizadas com dedicação específica a um santo. Esse tipo de reza ou oração foi aprendida pela rezadora, mas tem como fontes outras tradições religiosas como as missas, ladainhas, cantorias e outros.

O “Padre Nosso” e a “Ave-Maria”, por exemplo, são quase sempre recitados nas práticas de reza, como percebido em:

O bom mesmo é quando a pessoa tem fé, que a gente manda mesmo é rezar o Padre Nosso e a Ave Maria. Cada uma três vezes para garantir só serve mesmo as três tem coisa que é bobagem, é só uma faltazinha de fé que o Padre Nosso resolve, mas precisa ter fé (DONA BECA, abril de 2022).

Os remédios são orientados muitas vezes a serem feitos em casa, com receitas simples e ervas encontradas na feira livre, presente na vegetação local, mas as rezas, raramente são dispensadas.

O procedimento abaixo confirma a orientação:

O Banho de sal grosso é muito bom para afastar as maldades do mundo, o azar e protege contra as impurezas de outras pessoas. Primeiro, a pessoa toma banho normal, depois toma com sal grosso. A banhadura deve sempre acontecer dos ombros pra baixo. Nunca deve ser molhada a cabeça. Quando tiver tomando o banho a pessoa vai pensando no bem que quer receber e faz uma oração. Pode ser para São Brás, São Tomáz, São Bento, santo de sua preferência porque tem gente que é chegado mais num santo do que em outro. No final, rezar o Padre Nosso, a Ave Maria, se for católica a pessoa. Se a pessoa quiser ficar com o sal no corpo, pode deixar ele secar no corpo mas se quiser tirar, tem que ser de baixo para cima (DONA MALVA, março de 2022).

Outra indicação é apresentada também em:

Tem três coisas que gosto muito para fazer uma beberagem que é como mainha dizia, coisas que todo mundo sempre tem em casa: o alho e a casca de laranja. O alho afasta o inimigo, é bom deixar uma cabeça em qualquer lugar da casa que ela possa né? Ser vista, deixa ela lá quietinha no canto dela que é uma beleza só. A

casca de laranja, quando queimada, purifica o ar e, a pimenta, age sobre a inveja. Essa coisa tem força contra o mal, o mal não gosta dela não viu? Ele nos dá saúde e cura a gente na alma também. O chá que recomendo para o povo é de laranja e alho (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

A sugestão de Dona Beca é:

Utilizo muito os banho para complementar a reza e proteger a pessoa de inveja principalmente uso a aroeira para acabar com todo olho gordo das pessoas. Fazer o chá e após tomar o banho diário jogar no corpo sem enxaguar usar pelo menos três vezes na semana (DONA BECA, maio de 2022).

Já a de Dona Arruda é:

Eu rezo contra quebranto: Pelo sinal da Santa Cruz, livre meu Deus nosso senhor, livrai do nosso inimigo. Deus te remiu. Deus te criou. Deus te livre. De quem para ti mal olhou. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Virgem do Pranto, tirai este quebranto. Dizer a oração 3 vezes jogando o ramo para porta da frente para todo o mau ser levado (DONA ARRUDA, junho de 2022).

Esses saberes e suas práticas reforçam a ideia permanente que essas construções contribuem para a solidificação da identidade da comunidade local, pois apenas ratificam costumes oriundos da sabedoria popular e perpetuam a cultura do povo brasileiro de uma forma geral, mantendo-a ativa.

Deve-se pensar que o exercício da prática do benzimento exigiu, de cada senhora, conquistar seu lugar e vencer posições eventualmente hostis, por exemplo, na família ou na igreja. Em suas falas, as senhoras demonstram cada uma a seu modo, terem conquistado consentimentos importantes para o pleno exercício de seu ofício. Assim, a benzedeira pode igualmente se sentir atuante e pertencente ao grupo da igreja, ao do centro espírita e na vizinhança onde reside (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

Os saberes tradicionais encontrados na comunidade onde atuam as rezadeiras e descritos aqui geram a cultura popular local, que por sua vez está permeada pelas tradições – ancestrais e religiosas –, que caracterizam variadas comunidades humanas. Como fora visto, esses saberes são transmitidos pela oralidade, sendo assim, a observação das atitudes cotidianas dentro da comunidade, de sua realidade e a memória, são o mecanismo cognitivo que permite a preservação da cultura local.

Pode-se considerar que as plantas empregadas na medicina popular e nos sistemas de crenças afro-indígena-brasileira desempenham duplo papel: sacral e terapêutico (LEWIS; ELVIN-LEWIS, 1977). O papel sacral, também de cunho social, tem muito a ver com a

medicina popular presa a um universo sacralizado, controlador das forças sobrenaturais, desempenhando, de alguma forma, um papel de responsabilidade relativo, tanto no aparecimento como na cura de doenças, tal como nos foi transmitido por nossos antepassados lusitanos. Nesse sentido, destaca-se também o valor simbólico atribuído às plantas no universo mágico-religioso dos sistemas de crenças de origem e influência africana (GENTILE; SABIOLA, 1942).

O papel terapêutico deve-se aos princípios ativos medicamentosos presentes nas plantas, cujas atividades biológicas condizem com os usos curativos. Não é difícil de constatar que as plantas têm seus papéis determinados dentro dos rituais e estes têm muito a ver com suas propriedades, a partir dos elementos químicos que encerram. Isso se dá tanto nas cerimônias religiosas propriamente ditas como nos rituais de cura. Daí deduzir-se que as plantas não são escolhidas aleatoriamente (ARAÚJO, 2004).

Como exemplos de plantas utilizadas pelas rezadeiras podemos citar algumas com ação no sistema nervoso central, capazes de provocar as alterações comportamentais requeridas pelo ritual. São exemplos disto as plantas do gênero *Datura*, espécies botânicas conhecidas desde épocas remotas, cujo efeito alucinógeno decorre do princípio tóxico dos *alcaloides hiosciamina*, escopolamina e atropina, que induz os usuários a visões e sonhos que se somam à dificuldade de articulação das palavras, aumento de frequência cardíaca e midríase (agitação, confusão mental, alucinação) (CAMARGO, 1985).

Podemos citar também a Jurema (*Mimosa hostilis*), planta com a qual é preparado um vinho consumido em determinados trabalhos de Catimbó, Umbanda e em Festas de Caboclo dos Candomblés, a qual tem por princípio ativo N, Ndimetilriptamina, que age no metabolismo das funções psíquicas, provocando alterações de humor, ansiedade, distorção na percepção de tempo, espaço, alucinações visuais do tipo onírico, despersonalização, além de outros efeitos. “Dá se o nome de jurema tanto à planta como à bebida e à divindade. A deificação dessa planta não permitiu que ela fosse profanada, de modo a não fazer parte do rol de drogas socialmente consumidas” (SCAVONE *et al*, 1980, p. 21).

As plantas com poderes inebriantes presentes nas práticas religiosas possibilitam os estados de desligamento desejados pelos fiéis de forma a permitir-lhes uma entrega absoluta aos seus Deuses. A ação psicoativa de determinadas plantas já foi objeto de pesquisa de vários

estudiosos como Bastide (1973), quando se refere à preparação da cabeça do fiel nos ritos de iniciação em Candomblés. Além disso, Albuquerque (1994) lembra que: o uso ritual de

plantas no combate às doenças e no restabelecimento da saúde constitui prática comum nos cultos afro-brasileiros, revelando acentuado hábito cultural, com grande rede de influência social. Quase todas as plantas usadas nos rituais religiosos e de cura são as mesmas conhecidas da medicina popular ou tradicional por todas as camadas sociais; pois, de certa forma, fazem parte da formação cultural do brasileiro, transmitida pelos antepassados e que hoje permanecem na memória daqueles que, em sua medicina caseira, as utilizam (MOREIRA FILHO, 1986).

A utilização de plantas para tratamento e cura de doenças tem sido feita desde os primórdios da civilização. No entanto, em meados do século XX, o uso de plantas foi drasticamente reduzido devido ao desenvolvimento de síntese orgânica e de técnicas analíticas (FOGLIO *et al.*, 2016). Contudo, o que se observa é que no final do século XX ocorreu uma ampliação da busca pelo retorno de práticas medicinais com plantas nos cuidados em saúde no mundo inteiro.

Fitoterapia se refere ao uso de plantas medicinais ou bioativas, que são cultivadas de modo tradicional e recebem o preparo para ingestão de acordo com a sabedoria e experiência da tradição popular (TEIXEIRA, 2012). Desta forma, a Fitoterapia se insere no desenvolvimento cultural da sociedade sendo disseminada de geração para geração.

**Tabela 1:** Doenças, sintomas e plantas utilizadas no ritual de benzimento.

DOENÇAS	SINTOMAS	PLANTAS UTILIZADAS
Mal Olhado	Dor de cabeça, dor de ouvido, dor nos olhos e fraqueza.	Arruda, Pimenteira, Alecrim
Vento virado	Vômito. nenhuma posição está boa para o bebê, choros muito fortes e constantes.	Erva-de-Santa-Maria, Arruda
Quebrante, Quebranto	Olhos lacrimejantes, moleza por todo o corpo, tristeza, bocejar constante e espirros repetidos.	Arnica, Erva-de-Santa-Maria
Espinhela caída	Fraqueza, apatia, perda de apetite, náuseas e fraqueza nos braços.	Rubinho, Laranja e Espinheira- Santa

Fonte: entrevistas das rezadeiras entre junho a novembro de 2021.

De acordo com Medeiros *et al.* (2013), as rezadeiras atuam para a cura de uma diversidade de doenças.

Para a benzeção, o tripé mente-corpo-espírito é inseparável, e sua intervenção inclui cura simultânea desses três elementos. Esses sistemas de cura não se encarregam exclusivamente de tratar doenças orgânicas; também curam doenças que não se encaixam no paradigma biomédico, doenças que elas julgam ter alguma ligação sobrenatural – e na

verdade são estas últimas seu principal foco. Dentre as entrevistadas, todas dizem curar quebrante, elas fazem ligação dessa doença a meios que remetem ao sobrenatural, e pelas entrevistas pode-se notar o número significativo de crianças acometidas por essas doenças.

Vemos a denominação “quebrante” como uma das moléstias curadas por rezadeiras, a qual é remetida ao sobrenatural. Os autores apontam demais doenças tratadas por rezadeiras, e apontam também semelhanças entre a intervenção das rezadeiras e o atendimento ou procedimento básico na unidade de saúde. Esclarecendo tal apontamento, trata-se de doenças com sintomas leves que podem ser tratados com menor nível de complexidade, como viroses, gripes, sintomas como mal-estar, dor no corpo. Elas orientam o uso de terapias, não comprovadas oficialmente, com o uso de ervas, chás, ou seja, fitoterápicos. Em caso de vômitos, diarreia, a hidratação e o consumo de alguns alimentos podem auxiliar na recuperação do indivíduo. Em estudo de caso, Medeiros *et al.* (2013), mostram que benzedadeiras podem indicar, também, remédios de uso tradicional.

Em alguns momentos, as benzedadeiras se apropriam de instrumentos oficializados dentro da saúde; algumas incorporam a medicina erudita em suas práticas, indicando a utilização concomitante de medicamento. É o caso, por exemplo, elucidado por B7, quando em alguns casos ela orienta a utilização de medicamentos alopáticos: “*Às vezes eu passo remédio, remédio que não ofende ninguém, quando tá com infecção intestinal eu mando comprar remédio para inflamação da garganta, soro caseiro para diarreia*”.

Dessa forma, percebe-se que ainda nos dias de hoje a prática realizada pelas benzedadeiras continua sofrendo influências culturais, o que também resulta em um aumento de conhecimento, em contrapartida, podem dispor do conhecimento anteriormente aplicado por seus ancestrais. Medeiros *et al.* (2007) apontam que as comunidades buscam seu próprio meio de resolver questões sobre saúde e doença e que esse apoio de profissionais de saúde a assistência às comunidades e às benzedadeiras pode auxiliar na promoção de saúde.

Segundo Medeiros *et al.* (2007), o benzimento é utilizado principalmente para a cura de doenças infantis, tratamento de quebrante (mal-estar, sonolência, febre, náusea e vômitos). Além dessas, segundo Assunção, Querino e Rodrigues (2020), são tratadas doenças, como cobreiro, mal olhado, espinhela caída, machucadura, rendidura, todas denominadas “doenças de benzedadeiras”, as quais não estão atreladas às denominações médicas, mas sim à doenças culturalmente identificadas e tratadas pelas comunidades.

A pesquisa para o tratamento das principais doenças que acometem os indivíduos é uma preocupação constante da população, cuja informação é comprovada pelos inúmeros



registros encontrados nas primeiras civilizações que viveram na Terra (RODRIGUES, 2012). Civilizações antigas, como as chinesas, indianas e norte-africanas, forneceram provas escritas da origem do homem usando plantas para o tratamento de uma grande variedade de doenças. Na Grécia Antiga, por exemplo, os estudiosos classificaram as plantas e deram descrições que ajudaram no processo de identificação (VELOSO *et al.*, 2017).

Atualmente, o tratamento através de plantas medicinais desempenha um papel fundamental nos sistemas de saúde de muitos países. Pesquisas de plantas medicinais estão se tornando mais importantes no desenvolvimento de programas de cuidados de saúde e manutenção em diferentes partes do mundo (VELOSO *et al.*, 2017).

Um grande número de espécies é usado para doenças gastrointestinais por dois ou mais grupos indígenas. Pelo menos neste caso, a transferência múltipla de espécies e seus usos no México parece ser uma razão importante para o uso generalizado de uma espécie. As plantas medicinais de outras categorias (por exemplo, doenças de pele) são geralmente conhecidas apenas em uma cultura e parecem fazer parte de seu conhecimento tradicional (TEIXEIRA, 2012).

As folhas que mais utilizo para rezar são galhos de guiné, alecrim e arruda. Alecrim principalmente para resgatar o ânimo das pessoas [...]. Arruda combater a inveja e o mau-olhado [...]. Guiné poderosa capaz de criar uma proteção que impede a entrada de energias ruins. Também atrai sorte e felicidade (DONA MALVA, abril de 2022).

Já Dona Arruda (Maio de 2022).utiliza outras plantas para rezar e empreende um ritual específico: *“Eu uso pião-roxo e vassourinha para rezar. Depende muito da reza. Para mau-olhado eu uso pião-roxo, para cobreiro uso o talo da mamona, e durante a reza, vou cortando e formando um rosário”*.

Dona Beca diz sobre os elementos usados na reza:

Qualquer planta pode ser usada. A intenção é o que conta [...]. Nas rezas, a planta que utilizo é o pinhão-roxo, vassourinha de botão que espanamos no rosto das pessoas que nos procuram. Alfavaca, serve para pressão, ela serve de calmante, ela serve para gastrite, queimor. A hortelã miúda para criança. Uso também a colônia. Manjeriço serve para tirar o mal do corpo. O pega-pinto serve para ovário. A raiz da vassoura de botão serve para inflamação. E pra homem que pega as doenças do mundo, a urtiga branca (DONA BECA, abril de 2022).

Podemos observar em vários relatos de Dona Malva (Agosto de 2022) sua crença em Ossain:<sup>2</sup> *“Sem natureza, sem folhas, nada se pode fazer no culto aos orixás, que é criado por*

---

<sup>2</sup> **Ossain é o pai das plantas** sagradas e milagrosas. Possui o poder sobre qualquer tipo de

*Ossain é o Deus das plantas, folhas, seus chás e banhos com propriedades medicinais mágicas”.*

Sem Ossain não há folhas, sem folhas não há orixás. Não à toa é Ossain quem vai dar “uma folha para cada orixá”, permitindo-lhes o uso, mas guardando para si os segredos mais profundos. “Ossain não conta seus segredos para ninguém, Ossain nem mesmo fala. Fala por ele seu criado Aroni. Os orixás ficaram gratos a Ossain / e sempre o reverenciam quando usam as folhas. (PRANDI, 2001, p. 153). Dona Malva ainda relata que *“para retirar uma folha preciso da autorização de Ossain foi com ele que aprendi todos os segredos das plantas. As vezes durante a reza ele sopra em meus ouvidos uma receita de banho ou chá para ajudar na cura”* (DONA MALVA, agosto de 2022).

É Ossain quem dirá a Orunmilá, quais plantas podem ser cortadas e quais têm valor medicinal, miraculoso. Orunmilá acaba por interessar-se pelas folhas e pela sabedoria de Ossain, e assim, Ossain ajudava Orunmilá a receitar / e acabou sendo conhecido como o grande médico que é. (PRANDI, 2001, p. 152).

Nas festas daqui do terreiro quando vamos homenagear Ossain cantamos para ele, as folhas preparadas são jogadas no barracão e as pessoas pegam antes que caiam no chão e as passam para o corpo, pedindo proteção a Ossain, pede a ele que faça as folhas emitirem sua cura, recuperando assim as forças do corpo, alma e espírito (DONA MALVA, agosto de 2022).

Na fala da rezadeira, podemos observar a riqueza de conhecimentos acerca do assunto, podendo depreender que de seu repertório cultural destaca-se o conhecimento sobre o uso de plantas para fins medicinais. As práticas relacionadas ao uso dessas plantas medicinais por parte da entrevistada são, muitas vezes, o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Para o uso do ritual (passar o ramo na pessoa), no entanto, ela confirma que o poder da ação está no gesto, ratificando o processo de fé nessa ação, nesse caso, fé é sinônimo de crença.

Dona Espada-de-São-Jorge, sobre as práticas de reza associadas às plantas, contribui:

Eu uso a planta. Pra reza é necessário que tenha três folhinhas de pinhão-roxo. Pra rezar. Se for o caso de olhado, são três dias seguidos. Depois que eu termino a reza eu queimo as folhinhas de pinhão e jogo na rua. Tem que ser na porta da rua, com a porta da rua aberta. Vai limpando e jogando no ar. Também rezo com vassourinha de botão, essa não precisa queimar. Machuco e jogo na rua. Também rezo com

---

vegetação e delas consegue extrair as curas de todos os males. É o defensor da saúde e auxilia todos aqueles que buscam uma vida saudável.

outras plantas, mas o comum é pinhão-roxo e vassourinha de botão e a folha de arruda. Elas têm o poder de tirar o olhado. Tem que ser com essas folhas (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, março de 2022).

Nesse depoimento, a rezadeira tem prioridade por determinada planta que é o pião-roxo para determinado fim. Podemos fazer alusão desse comentário às práticas medicinais convencionais, onde determinada doença é tratada com o medicamento específico. Sendo assim, do ponto de vista terapêutico, existem determinadas plantas para fins específicos.

Sobre o conhecimento das plantas e seu uso, Dona Beca afirma que as conhece desde a infância: *“Desde que eu era criança bem pequena é um conhecimento meu, que conheço a erva nativa que é o remédio, outras que dizem que presta mas não serve, e sei a qual que presta, qual que não presta, e conheço o modo de fazer”* (DONA BECA, abril de 2022).

Conforme Oliveira (1985), em sua obra *“O que é benzeção?”*, as benzedadeiras e rezadeiras são *cientistas populares* que têm uma maneira muito peculiar de curar: combinam os míticos da religião e os truques da magia. É uma pessoa que possui o conhecimento das rezas, ervas, chás e simpatias, faz adivinhações às vezes, lê sorte, lida com o mistério e com as coisas do além.

A importância dessa contribuição se dá na medida em que esta pode ser associada ao conhecimento das propriedades de plantas medicinais por pessoas mais velhas da comunidade, o que é uma das maiores riquezas da cultura popular.

A próxima figura foi uma fotografia retirada do quintal da residência de Dona Malva, um pouco antes dela rezar uma criança de 5 anos do sexo feminino. *“A planta Malva é uma das minhas preferências para rezar. Sempre deixo a pessoa na sala esperando e vou colher a planta no meu quintal pedindo licença a Ossain”* (DONA MALVA, agosto de 2022).



**Figura 13:** Planta Malva: elemento usado durante a reza. (Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2022).

Chama a atenção também, na auto afirmação da rezadeira, no sentido do autoconhecimento, da sensibilidade para saber o que é útil e o que não é. Além disso, é bem provável que isso se deva às experiências de vida da mesma, em contextos de práticas curativas e preventivas e estão relacionadas com o modo como ela percebe a doença e suas causas.

A *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek é conhecida popularmente como "espinheira-santa", "cancerosa", "cancerosa-de-sete-espinhos" e "maiteno", dentre outros nomes. Esta planta pertence à família *Celastraceae*, possuindo 55 gêneros e 850 espécies espalhadas nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. O uso medicinal de *M. ilicifolia* é datado da década de 20 desde quando se tem algum registro escrito de sua utilização (SANTOS, OLIVEIRA et al., 2019).

O nome *Maytenus* é derivado da palavra "Maytén", usada pela população "mapuche" do Chile, que significa "homem da terra" (NIERO et al., 2011). Numerosos usos medicinais estão associados às espécies do gênero *Maytenus*, como o uso de raízes, cascas e folhas para o tratamento de úlceras gástricas, antiinflamatórias, analgésicas, antialérgicas, antitumorais, entre outras, na América do Sul (SOSA et al., 2017; Baggio et al., 2019; NIERO et al., 2011; MARTINS et al., 2012). As folhas das diversas espécies existentes de *Maytenus* no Brasil, são tradicionalmente usadas pelos índios como infusão contra as afecções gástricas (hiperacidez, úlceras gástricas, gastrite duodenal e crônica) (ROCHA et al., 2014).

Morfologicamente, a espinheira-santa é caracterizada como um subarbusto ou árvore, ramificado desde a base, com cerca 5,0 m de altura. Seus ramos novos glabros angulosos, tetra ou multicarenados onde suas folhas apresentam a margem inteira ou com espinhos em número de um a vários, distribuídos regular e irregularmente no bordo, geralmente concentrados na metade apical de um ou de ambos os semilimbos. Suas flores apresentam-se pequenas, brancas e pouco vistosas (SOSA, 2017).

A composição química de folhas de *M. ilicifolia* sugere um conteúdo químico constituído por triterpenos, flavonóides e taninos. Entre os compostos polifenólicos predominam os derivados da quercetina e kaempferol (ROCHA et al., 2014).

A *Maytenus ilicifolia* possui ação antiulcerogênica e analgésica. Os triterpenos maitenina e 22-hidroxi maitenina são membros de um pequeno grupo de produtos naturais peculiares às espécies das famílias *Celastraceae* e *Hippocrateaceae* (CALOU et al., 2014).

Santos-Oliveira *et al.* (2019), realizaram um estudo com o objetivo de fornecer subsídios teóricos para o aprimoramento dos estudos, em especial os *Maytenus ilicifolia*, e demonstraram que esta planta é indicada para o tratamento de diversas doenças dentre estas, a gastrite. Lorenzi e Matos (2012), enfatizam que no tratamento de gastrites, esta planta pode ser preparada tanto na forma de emplastos de suas folhas, decocto, por infusão, como na forma de chás e extratos. Almeida *et al* (2015), investigaram o conhecimento popular relacionado à espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*) entre erveiros e feirantes que comercializam a planta no centro de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Neste estudo foi evidenciado que os principais constituintes químicos da espinheira-santa são os terpenos, flavonóides, mucilagens, antocianos, óleos essenciais, ácido tânico, silício, sais de ferro, enxofre, sódio e cálcio, matérias resinosas e aromáticas. Os resultados desta pesquisa demonstraram que no uso popular, a espinheira-santa é indicada com finalidade terapêutica para distúrbios gástricos.

Calou *et al.* (2014), salientam que os possíveis mecanismos para o efeito gastroprotetor dos polissacarídeos são: a habilidade destes polímeros de se ligar à superfície da mucosa gástrica, atuando como uma camada protetora; a atividade anti-secretora de suco gástrico; a proteção da mucosa pelo aumento da síntese de muco; e o sequestro de radicais livres.

De acordo com a tabela a seguir, onde verificam-se os princípios ativos das plantas utilizadas nas rezas, é possível verificar os seus efeitos para a saúde.

**Tabela 2:** Plantas medicinais mais comuns utilizadas em rezas e seus princípios ativos.

PLANTA UTILIZADA NAS REZAS	PRINCÍPIO ATIVO
Arruda	Quercetina e alantoína (Antiinflamatório e hidratante, respectivamente).
Pimenteira	Fonte de vitaminas A, C, E, B1, B2, fósforo, potássio e cálcio, capsaicina e capsantina.
Alecrim	Ácido carnósico e compostos fenólicos (antioxidantes).
Erva-de-Santa-Maria	Antraglicosídeos, derivados do ácido cinâmico, mucinas e pectinas, saponinas, amigdalina, ascaridol, geraniol, cimeno, monoterpenos e derivados, ácido oxálico (vermífugo, antibactericida).
Arnica	Helenalina e dihidro-helenanina (antiinflamatório).
Laranja	Acetato de linalil, carotenóides, derivados de triterpenos (limonina), ferro, glicosídeos flavonóides (neoespiridina, naringina, rutina, eriocitrina, hesperidina), hidrato de carbono, nerol, vitaminas (C, A, complexo B) (analgésica, anti-helmíntica, anti-hemorragica, anti-reumática, antitérmica, aperiente, calmante do sistema nervoso, ciática, depurativa, digestiva, diurética, emenagoga, estimulante, laxativo, regulador intestinal, sudorífera, tônica).
Rubinho	Não encontrado.
Espinheira-Santa	Terpenos, flavonóides, mucilagens, antocianos, óleos essenciais, ácido tânico, silício, sais de ferro, enxofre, sódio e cálcio (tratamento de gastrite e úlcera gástrica).

**Fonte:** Dados coletados das entrevistas realizadas com as Rezadeiras do Mandacaru.

No estudo de Medeiros (2007), os autores apontam o relato de entrevistados sobre o uso de ervas como – Peão roxo, mandiroba, vassourinha na região do Piauí. Medeiros et al. (2013) em estudo de caso identificaram como mais utilizada vassourinha, laranjeira, pião de São Francisco, arruda, quebra pedra, romã e hortelã.

De acordo com Lima, Oliveira e Nagem (2003), os princípios ativos contidos na arruda reduziram os níveis dos parâmetros elevados pelo colesterol e ácido cólico, quais sejam: ureia, creatinina, ácido úrico, proteínas totais, cálcio, aspartato aminotransferase e alanina aminotransferase em testes com coelhos. Isso demonstra os efeitos benéficos da arruda.

Outro estudo com pimenteiras demonstrou que dentre as propriedades farmacológicas apresentadas por espécies desse gênero destacam-se as anti-hipertensivas, anti-inflamatórias, analgésicas, antimicrobianas e antioxidantes (IANNI, 2010). Paulus *et al* (2015) afirma que é uma boa fonte de vitaminas A, C, E, B1, B2, fósforo, potássio e cálcio, caracterizada como planta medicinal, recomendada para dores musculares e artrite, com diversas utilidades e aplicabilidades para indústria farmacêutica, devido à alta quantidade de antioxidantes, como a capsaicina e capsantina, principais substâncias ativas.

Quanto ao Alecrim, Justo *et al.*, (2008), aponta que a sua característica antioxidante é

atribuída principalmente à presença de compostos fenólicos, voláteis e não voláteis, como os flavonóides. Vita *et al.*, (2011), aponta sobre as propriedades da *Chenopodium ambrosioides* (erva-de-santa-maria), destacando que esta é uma planta que pode ser empregada como vermífugo, inseticida e antibiótico.

Segundo Alfredo *et al* (2008), a arnica atua sobre o processo inflamatório, isso pode ser justificado pela ação antiinflamatória dos princípios ativos da arnica, a helenalina e dihidro-helenanina. A laranja, segundo a revista Plantamed (2012), é mais importante como alimento no Brasil, no entanto, é fonte de vitamina C, e atua para a prevenção de infecções. Por fim, os autores ressaltam que a Espinheira-Santa é utilizada com finalidade terapêutica e está relacionada a distúrbios gástricos, cicatrização e depuração do sangue. Além disso, seu uso é ensinado oralmente de geração a geração e também em livros (ALMEIDA *et al.*, 2015).

No Brasil, muitos estudos sobre as práticas de rezadeiras demonstram as experiências atuais de povos oriundos das matrizes africanas que ainda hoje resistem a sua cultura e suas práticas culturais no Rio de Janeiro. De acordo com Souza (2018), encontrar uma rezadeira nos subúrbios cariocas têm sido cada vez mais difícil, e isso faz com que a autora demonstre preocupação. Da mesma forma, essas mulheres que praticam a reza e rituais de cura são estigmatizadas, e muitos acabam por definir como mera superstição, ignorando o fato dos conhecimentos étnicos e culturais por ela aplicados, bem como hábitos culturais pertencentes as suas origens.

Dona Malva descreve sobre o uso das plantas:

Utilizo fumo de corda pois ele é um poderoso limpador espiritual. Uso como defumação ou em forma de banhos possuindo a capacidade de eliminar energias densas e também trazer proteção! Para defumar a casa basta deixar que ele queime levando nos ambientes de dentro para fora, queime ervas como Arruda, Guiné e Aroeira para potencializar seus efeitos. Para banhos deixe ele ferver na água e acrescente a erva que desejar. Uso Arruda para limpeza, manjerição, hortelã para proteção! (DONA MALVA, junho de 2022).

Por outro lado, Dona Arruda relata:

Uma das plantas que mais uso nas minhas rezas é o alecrim. Ele atrai alegria, felicidade, harmonia. Afasta energias negativas. Tem a capacidade de relaxar, aliviando o estresse. Aumenta a auto-estima. Ajuda a organizar os pensamentos, entre outros maravilhosos benefícios. Um jeito que utilizo seus poderes além de banhos é colocar alguns raminhos no álcool borrifando no ambiente, nas mãos e onde minha intuição mandar (DONA ARRUDA, março de 2022).

Assim como Dona Espada-de-São-Jorge (Abril de 2022), que ao rezar, relata fazer o sinal da cruz: *“Rezo contra erisipela usando folhas de aroeira fazendo cruzeiros no local que está doente. Repito 3 vezes: em nome de Deus + Pai + e do Filho de Deus + e de São Marcial +, que nem por fora + nem por dentro + lhes faça nenhum mal”*.

Já Dona Beca descreve:

Utilizo fumo de corda, pois ele é um poderoso limpador espiritual. Uso como defumação ou em forma de banhos possuindo a capacidade de eliminar energias densas e também trazer proteção! Para defumar a casa basta deixar que ele queime levando nos ambientes de dentro para fora, queime ervas como Arruda, Guiné e Aroeira para potencializar seus efeitos. Para banhos deixe ele ferver na água e acrescente a erva que desejar. Ex Arruda para limpeza, manjericão, hortelã para proteção! (abril de 2022).

O trabalho realizado por Almeida (2014), visa recuperar os saberes da cura pelas plantas a partir dos saberes tradicionais ou empíricos de moradores do município de Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul. O estudo observou mais estreitamente a relação entre as religiões e as plantas, e a medicina tradicional popular. Outro estudo realizado sobre as rezadeiras de Alagoas, Santos (2018), no qual foram descritos rituais e práticas, apresenta homens e mulheres como pessoas do meio rural que migraram para o meio urbano e, assim, prestam serviços de reza e cura para a comunidade. Ambos estudos reforçam a ideia do conhecimento obtido através de gerações. Em Mogi das Cruzes, São Paulo, a comunidade em questão estudada pelos autores Carvalho, Bonini e Almeida-Scabbia (2017), mostrou que ainda persiste o uso de plantas e que esse conhecimento foi passado de geração em geração. Dessa forma, no Brasil, é possível verificar que em todo o território há comunidades que perpetuam essas práticas iniciadas por antepassados.

Conforme visto anteriormente, o uso de ervas, compondo uma medicina popular, ainda é parte do cotidiano das rezadeiras, logo o uso de ervas é uma característica muito presente, e de acordo com Conceição (2014), pode ser traduzida como medicina preventiva.

Geralmente, no caso específico das Rezadeiras, elas desenvolviam uma medicina, tida como preventiva, com a qual buscava evitar a enfermidade do corpo antes mesmo que esta se instalasse. As Rezadeiras acreditam ser possível se precaver de determinadas doenças por meio da utilização de “resguardos”. A benzeção feita esporadicamente, bem como a abstinência em consumir determinadas misturas que envolvessem alguns alimentos, podem ser apontadas como indícios de prevenção dessas sábias mulheres (CONCEIÇÃO, 2014).

Além disso, as rezas possuem variações, no entanto, no geral, elas possuem algumas



características vinculadas à crença, ou ao sobrenatural. De acordo com Santos (2018), as palavras usadas são empregadas com valores simbólicos, seja para a cura de doenças ou para afastar maus espíritos. A descrição de alguns rituais pode ser dada mediante uma oração apenas para a cura de dois ou mais males diferentes.

Além de utilizar plantas para rezar, Dona Espada-de-São-Jorge (Abril de 2022), também faz uso destas para outros fins: *“Utilizo como remédio a folha e as formas de preparo das plantas medicinais são: chá, xarope, macerado, emplastro, natural, garrafada e defumação, sendo a maneira que mais utilizo é o chá”*.

A seguir são apresentadas as plantas relatadas nas entrevistas e seu modo de preparo e aplicação. Os dados foram organizados de forma a relacionar o uso e a aplicação das ervas.

**Tabela 3:** Plantas medicinais utilizadas pelas rezadeiras.

NOME POPULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE UTILIZAÇÃO	INDICAÇÃO
Alfazema	Folhas	Chá infusão	Coração
Assa-Peixe	Folhas	Chá frio e sem açúcar	Tosse e Coqueluche
Babosa	Folha	Misturar com mel e cachaça.	Asma e Pneumonia
Boldo	Folhas	Chá frio e sem açúcar	Estômago e Fígado
Camomila	Folhas	Chá morno e sem Açúcar	Tranquilizante
Cidreira	Folhas	Chá frio e sem açúcar.	Relaxante, dor de Cabeça
Gengibre	Raiz	Chá morno e sem açúcar	Gripes e Resfriados
Hortelã	Folhas	Chá quente	Acalma a tosse
Levante	Folhas	Chá frio e sem açúcar	Diarreia e espinhela caída
Louro	Folhas	Chá frio e sem açúcar	Estômago
Malva	Folhas	Gargarejo com chá morno	Inflamação na garganta
Romã	Fruto	Gargarejo com chá morno	Inflamação na garganta

**Fonte:** Dados coletados da entrevistas realizadas com as Rezadeiras do Mandacaru

Em pesquisa bibliografia Eckel (2020) verificou o uso comum de cidreira, camomila, boldo, hortelã e malva tanto por benzedeadas quanto por uso terapêutico pela população em geral. Eckel (2020), aponta uma gama de espécies de plantas medicinais utilizadas pelas benzedeadas entrevistadas do Rio da Areia de Baixo, Mafra-SC. Cita a utilização de Gengibre (auxilia na perda de peso, combate a azia, melhora as náuseas e vômitos); Camomila (ajuda

a acalmar e relaxar, auxilia no tratamento de ansiedade, alivia as cólicas menstruais); Malva (catarros, calmante, bom para inflamações do ouvido e garganta), entre outras. Brasileiro *et al.* (2008) apresenta em seu estudo uma relação de plantas comumente utilizadas em domicílios a partir de conhecimentos etnográficos adquiridos pela população, conforme tabela a seguir, os quais também são utilizados em práticas das benzedeiras, rezas e ritos.

**Figura 14:** Principais plantas utilizadas pela população na amostra dos bairros atendidos pelo Programa de Saúde da Família, Governador Valadares, MG (ago-dez/ 2002)

Nome popular	Número de Citações*	Parte da planta utilizada	Preparação
Erva-cidreira	986	Folhas	Chá.
Boldo	964	Folhas	Chá, infusão, macerado.
Algodão	636	Parte aérea	Chá; infusão.
Hortelã	554	Parte aérea	Chá, infusão, macerado.
Poejo	501	Parte aérea	Chá, infusão, macerado.
Tansagem	431	Parte aérea	Chá; infusão.
Arnica	411	Parte aérea	Chá, infusão, macerado.
Camomila	334	Parte aérea	Chá, infusão.
Folha de laranja	278	Folhas	Chá, infusão.
Alecrim	266	Folhas	Chá, infusão.
Saião	260	Folhas	Chá, cataplasma, macerado.
Hortelã pimenta	218	Parte aérea	Chá, cataplasma, macerado.
Folha de mamão	169	Frutos, Folhas	Chá, macerado, sumo.
Cana-de-macaco	169	Folhas	Chá, cozido.
Quebra-pedra	177	Parte aérea	Chá.
Picão	169	Parte aérea	Chá, cozido, macerado.
Erva-doce	151	Frutos	Chá, cozido, cataplasma.
Romã	141	Frutos	Chá, gargarejo.
Carqueja	139	Parte aérea	Chá, macerado, cozido, sumo.
Mangericão	132	Parte aérea	Chá, cozido.

Outrossim, o etno-conhecimento, segundo Franca e Silveira (2015), consiste em manifestação dos saberes tradicionais de determinados grupos étnicos, possui um significativo potencial como fonte de informação. Além disso, pode ser definido como “conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal” (MIRANDA, 2007, p. 2). Esse fenômeno social de transmissão de saberes milenares através da linguagem oral, sem que perca sua essência, e mantendo crenças e saberes acerca de diversos aspectos da vida humana, como o uso de ervas, por exemplo, rezas, entre outros, demonstra que a formação dessas comunidades religiosas é constituída por um processo complexo, e que só se torna possível a partir do valor intrínseco que ela possui para tais comunidades, formando uma unidade.

Este tipo de conhecimento tem seu valor comprovado pela sua eficiência, utilidade prática cotidiana e, em muitos casos, foram comprovados cientificamente por métodos formais de investigação científica. No entanto, a desvalorização destes saberes se relacionaria a uma forma de dominação simbólica, ao desvalorizar o conhecimento que é produzido socialmente de maneira popular, em função do conhecimento científico (FRANCA; SILVEIRA, 2015, p. 2).

Assim, há também um processo de marginalização dos saberes que, de acordo com as autoras supracitadas formaria uma “favela dos saberes”, área atualmente estudada pela epistemografia. A valorização do etnoconhecimento como algo inerente à construção histórica de um povo, também diz muito acerca da evolução humana e pode contribuir para os conhecimentos etnocientíficos.

Segundo Fischmann (2008), a religião e o Estado Laico são temas em pauta desde o início do regime republicano no Brasil. O termo laico define um modo de pensar que está na raiz do princípio da tolerância, base da liberdade de crença e da liberdade de opinião e de pensamento. No entanto, sabe-se que no Brasil, até os dias atuais, ainda há intolerância religiosa marcada ,também, pela discriminação racial.

Assim, a autora destaca que dificilmente a prática da tolerância entre mundos religiosos envolverá o escrutínio de ideias, porque esse seria o modo mais imediato de confronto e conflito. Isso ocorre tanto devido ao racismo estrutural, quanto aos extremismos presentes nas sociedades, que nada têm a ver com religião, mas com questões de dominação política e interesses de classes.

Tal fato explicita que pouco mudou desde o regime escravocrata brasileiro em relação às construções sociais, no entanto, para muitas comunidades, a religião de matriz africana representa, também, a sua identidade, a qual não está submetida às crenças do homem branco europeu, que foram por muito tempo impostas a outros povos. Desta forma, frequentemente haverá o gesto, apenas, da mera aceitação da existência das demais religiões, reconhecendo-lhes legitimidade no âmbito humano (FISCHMANN, 2008).

Nesse sentido, podemos observar que o etno-conhecimento é de suma importância para acesso as informações das variadas culturas que nos rodeiam, assim, esse fenômeno social vai transmitindo vastos saberes por meio da linguagem oral, sem perder sua essência e sustentar crenças e conhecimentos sobre as mais diversas facetas da vida humana, como o uso de ervas, rezas, entre outras memórias das rezadeiras envolvidas nesta pesquisa.

## 5 RELAÇÕES ÉTNICAS DAS REZADEIRAS DO MANDACARU

De acordo com Scliar (2007), o conceito de doença pode variar consoante muitos fatores, sejam culturais, sociais ou econômicos:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas (SCLIAR, 2007, s.p.).

Segundo Conceição (2011), rezadeiras e rezadores se enquadram em um grupo social e cultural bem definido que diz respeito a trabalhadores rurais. Aplicam, portanto, seus conhecimentos sobre ervas, plantas e emplastos associados a fé e crença em divindades sobrenaturais, a fim de proporcionar cura de doenças. São pessoas normalmente consideradas sábias e comumente procurados para realizar as práticas curativas ou compartilhar seus conhecimentos.

Para a autora supracitada, as práticas passadas oralmente, possuem aspectos importantes como a composição de um universo construído desde a infância, permeado pelo mágico e o sobrenatural, a partir das observações das práticas realizadas pelos anciãos, bem como a familiarização com ervas, raízes. Além disso, a cultura da benzeção está comumente vinculada a um dom divino ou espiritual.

Sabe-se que a necessidade de discutir as contribuições da espiritualidade como parte essencial das experiências humanas é fundamental. A busca pela compreensão dos processos evolutivos de cura tendo como base esse preceito é cada vez mais comum. Nossos ancestrais se utilizavam de diversos recursos que hoje aplicados demonstram por si só sua eficácia. Maraldi e Martins (2017) colocam que:

[...] ao utilizar recursos como cantos, tambores, danças e encantamentos diversos, atuavam sob princípios análogos ao que conhecemos hoje como sugestão, hipnose e indução a estados dissociativos, os quais teriam significativa eficácia terapêutica para redução de dor, facilitação de parto, controle de perda de sangue, alívio de transtornos psicológicos e melhoria da saúde geral (MARALDI; MARTINS, 2017.p. 5).

Embora os ancestrais não dispusessem de outras ferramentas para estimular processos de cura e, ainda assim o faziam, tais ações poderiam servir como pressupostos para as pesquisas atuais acerca do funcionamento do nosso corpo e nossa mente que, ao passar por

diversos processos, cria mecanismos de defesa que evoluem para curas espirituais, o que os autores chamam de coo evolução, genes e cultura baseada na Teoria da Cura Ritual (MARALDI; MARTINS, 2017). Verifica-se então que os conhecimentos das rezadeiras e benzedeadas, a partir de suas práticas religiosas, possuem efeito positivo no organismo humano.

Não obstante isso, a origem desses conhecimentos nas culturas afro-brasileiras e africanas, passados pela oralidade, talvez por este aspecto intrínseco dessa cultura, existe muitas variações e crenças, até mesmo que diferenciam os conceitos de benzedeadas, rezadeira e curandeiro. De acordo com Santos (2009), os curadores, diferentemente das benzedeadas, possuem a capacidade de se conectar com forças superiores além da oração e da bênção, ao passo que as benzedeadas se limitam à reza e à bênção, mas não a cura.

Nessa perspectiva, Araújo *et al.* (2017), postula que a tradição é milenar, e a prática da reza tornou-se um ofício. Por se desenvolver geralmente em lugares onde a prática de medicina “oficial” era negligenciada, o saber fazer da rezadeira emerge como alternativa através de práticas de reza e cura advindas da sabedoria popular.

Maraldi e Martins (1997) apontam que os rituais foram tecidos ao longo de milênios, e estes estão traduzidos em diferentes culturas cujos conhecemos atualmente:

Ao mesmo tempo, em um processo de tentativa e erro diante do que apresentava maior ou menor eficácia terapêutica, os próprios rituais de cura teriam sido lapidados ao longo dos milênios, evoluindo para as formas de cura espiritual que conhecemos atualmente, como xamanismo, cirurgias mediúnicas etc. (MARALDI; MARTINS, 2017 *apud* MCCLLENON, 1997, 2006, p. 5).

Diferentes abordagens são utilizadas para compreender as questões que permeiam as crenças. Neto (2019) nos apresenta as perspectivas de que a fé, que induz as práticas saudáveis, é madura, ou seja, contém elementos que elevam a visão do humano sobre si mesmo e sobre a vida, estando ele mais próximo da divindade, onde é guiado na direção de um bem maior e, por consequência, do livramento de suas enfermidades.

A religião pode ser importante para que a pessoa evoque sua energia (ativa), alinhe-se com o melhor pensamento de uma determinada tradição (boa) e ajude-a a desenvolver autonomia, autoestima e autocontrole (útil) (NETO, 2019 *apud* MALONY, 1991 e 1992).

No entanto, Nascimento (2014) aponta os conflitos das crenças de outras religiões com as tradições católicas no Brasil. A saber, as tentativas de eliminar as tradições africanas

no país, a partir do processo de catequização ainda durante a colonização, tinham por objetivo, também, eliminar as práticas de cura e alcance da graça.

As rezadeiras, em sua maioria, são católicas, embora, suas ações não correspondam às exigências da Igreja Católica. Isso porque elas pertencem ao que chamamos de catolicismo popular. Esse completamente tomado de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida, também se configuram em uma grande força de resistência (SILVA, 2009, n.p.).

Atualmente ainda há certa intolerância com práticas religiosas de origem africana. No entanto, as autoras Nascimento (2014) e Silva (2009), apontam que algumas pessoas possuem uma noção de duplo pertencimento, tanto à religião Católica quanto a outras religiões, também podem unir os princípios do Espiritismo de Allan Kardec a outras práticas Umbandistas, entre outros, contribuindo para a formação da diversidade religiosa no país.

Podemos observar isso nas falas das rezadeiras ao longo das entrevistas, como na de Dona Malva (Maio de 2022): *“As pessoas falam que fazemos coisas do diabo pela minha cor e principalmente por não ser católica. Eles vão na outra rezadeira que aprendeu o ofício comigo só porque ela não frequenta mais o terreiro e se diz católica”*.

Assim como Dona Beca afirma:

Que a paz de Deus esteja com esses infelizes e que eles possam encontrar a compaixão, a humildade e a misericórdia necessárias para deixar de lado sua arrogância e começar a escutar os outros. Que eles possam aprender a aceitar, perdoar e amar a todos, independentemente das suas religiões. E parem de dizer que faço coisas do diabo (DONA BECA, maio de 2022).

Verifica-se que a religião possui importante função social, para resgatar a cultura africana que durante muito tempo foi perseguida, discriminada e sofrendo um processo de despersonalização em função da imposição da cultura do europeu. Todos esses aspectos perpassam por um processo histórico de estabelecimento das religiões e de sua adaptação para a sobrevivência e que, mesmo nos dias atuais, ainda sofrem com preconceitos e estigmas, ou seja, diversas formas de racismo.

A partir de um viés histórico, sabe-se que a formação das religiões de matrizes africanas em território brasileiro se deu a partir de uma construção sincrética. Isso se deve ao fato de que os africanos trazidos para o país pertenciam a diferentes povos e distintas culturas, promovendo assim um grande intercâmbio de crenças e práticas religiosas.

Além disso, em alguns locais houve maior influência de religiões como o Cristianismo (COSTA, 2013). Atualmente, o racismo estrutural também causa constrangimentos e,

conforme relatado pelas entrevistadas, “há uma tentativa de desqualificar” elementos das culturas africanas, como por exemplo, a própria questão do preconceito vivido pelas rezadeiras que se declaram do Candomblé, a qual teve origem na Bahia. Isso fica evidente quando Dona Espada-de-São-Jorge (Junho de 2022) relata sobre sua experiência religiosa e a forma como era tratada na comunidade: *“Quando eu frequentava o terreiro meus vizinhos não vinham na minha casa além de mudar de calçada quando passava na minha porta. Hoje que frequento a Igreja ela vem para minhas rezas e para o Caruru em setembro. Até o Padre vem, tu acredita?”*.

Dona Beca revela ter medo de daqui uns anos não ter mais rezadeiras no Mandacaru, pois *“as rezas dos mais velhos estão acabando e os mais jovens não querem aprender e nem acreditam mais. A procura é sempre de mais idosos ou recém-nascidos trazidos pelas avós. Nunca os pais”*. (DONA BECA, maio de 2022).

Percebemos também na fala de Dona Arruda (Junho de 2022) essa preocupação: *“Aprendi a rezar com minha mãe, ela com minha vó e, nem meus filhos nem os netos tiveram interesse de aprender o ofício. Acho que daqui a um tempo não teremos mais rezadeiras”*.

No relato de Dona Espada-de-São-Jorge (Maio de 2022) persiste o mesmo receio acerca da continuação do ofício das rezadeiras: *“Menina acredito que daqui uns dez anos não haverá mais rezadeira nesse bairro, pois se tu observar as que ainda rezam já passou das casas dos 70 anos”*.

Dona Malva declara:

Os mais novos desvalorizam os nossos saberes mais quando a barriga doe sempre batem as nossas portas. Com seus filhos e netos. Mais querer seguir o dom familiar ninguém quer. Tenho filhas e netas e ninguém se interessa para aprender o ofício de rezadeira (DONA MALVA, junho de 2022).

Não há nenhuma regra estabelecida que limite o contato entre o doente e a rezadeira, mas o ideal é que o processo seja conduzido em um ambiente reservado, longe do olhar dos outros e que o doente esteja o mais tranquilo e aberto para o processo. Além disso, é importante que a pessoa que procura a rezadeira seja consciente de que a reza não é uma solução para seus problemas e que a cura é um processo complexo que exige muita dedicação e comprometimento. Observamos isso durante as entrevistas:

Eu sempre rezo na sala da minha casa com a porta aberta pois o mal já sai pela porta afora. Gosto de rezar eu e a pessoa que precisa da reza. Só rezo na presença de alguém crianças menores de 10 anos que rezo na presença das mães ou avós que é

quem sempre traz (DONA MALVA, abril de 2022).

Já Dona Beca diz:

Rezo de preferência aqui em casa com a porta entreaberta, pois o mal vai embora e os curiosos não param para ficar olhando. Prefiro rezar a tarde pois o Sol já carrega os males. Porém algumas doenças o melhor é rezar assim que o Sol nasce. Para cada coisa menina um ritual a ser seguido (DONA BECA, julho de 2022).

Dona Espada-de-São-Jorge relata que prefere rezar no quintal, um lugar privilegiado: *“Rezo no meu quintal, pois já tiro a planta fresquinha e evito os curiosos ficarem olhando. Além que durante a reza não é bom que pessoas passe e aqui a casa só anda cheia. Já proibi meus netos irem no quintal quando o galho tiver na porta”*. (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, maio de 2022).

Dona Arruda narra:

Rezo em qualquer lugar, pois às vezes não estou em casa e alguém mim procura. Só tento rezar num lugar que tenha uma árvore ou um rio. Procuo uma folha, de preferência Malva ou Alecrim. E não rezo depois das 6h da noite, pois o Sol já adormeceu (DONA ARRUDA, maio de 2022).

Almeida e Perovano Filho (2021) ressaltam a preocupação com a manutenção ou a continuidade da transmissão de saberes das rezadeiras. Indicam, ainda, que há cada vez maior dificuldade de encontrar rezadeiras nos subúrbios cariocas.

Muitas relatam a estigmatização, pois as pessoas consideram a reza como superstição. Tais preconceitos refletem diretamente na formação do legado das rezadeiras, uma vez que a própria transmissão de saberes para as gerações mais jovens também encontra dificuldades ou acabam não se concretizando. Marin e Scorsolini-Comin (2017) relatam que *“um dos pontos percebidos como agravantes pelos entrevistados sobre o momento da transmissão de conhecimentos é a falta de interesse dos mais novos para com esse tipo de prática.”* (SCORSOLINI-COMIN, 2017, p. 20).

Ao longo da pesquisa observamos que algumas rezadeiras, rezam seus parentes de 1º grau, já outras não rezam parentes. Dona Arruda (Junho de 2022) relata: *“a primeira pessoa que eu curei de verdade foi tia Ana, ela estava com dor de barriga. Ai, depois que eu rezei, ela disse: ‘Menina, não é que a dor de passou mesmo. Nem fui mais ao banheiro!’”*.

Dona Malva, entretanto, afirma rezar a todos, pois entende a importância do ofício para a comunidade: *“Eu rezo todos é tão difícil encontrar uma rezadeira imagina fica*



escolhendo. Sem falar que se alguém souber que a pessoa tem vínculo com uma rezadeira vai indagar logo: *‘Por que não reza com tua parenta não confia na reza dela?’*” (DONA MALVA, maio de 2022).

Já Dona Beca (Maio de 2022) não reza parente: *“Meus filhos e netos era tua vó Jarde que rezava e já rezei você pequena também, e hoje é Roquelina a tua vizinha que reza meus parentes”*.

Assim também é Dona Espada-de-São Jorge, que afirma não rezar parente nem de primeiro grau nem de segundo grau: *“Fui criada escutando que deixava meu corpo fraco e que absorvia as energias ruins para mim devido o vinculo afetivo”* (DONA ESPADA-DE-SÃO JORGE, abril de 2022).

Observamos que três das rezadeiras da pesquisa aprenderam a rezar com um parente, como podemos perceber no relato de Dona Arruda (Abril, 2022): *“Quando mãe estava rezando os clientes, eu se escondia atrás da porta para poder ouvir as rezas. Ela rezava e eu aprendi toda reza que ela sabia rezar, de olhado, vento caído e maus espíritos”*.

Dona Espada-de-São-Jorge, que identifica nomes de familiares em cidades diversas da Bahia:

O ato de rezar sempre esteve em minha família. Perco até as contas quantas pessoas da minha família era rezadeira Tia Lúcia, Tia Nalva lá por lado de Jitaúna e Barra do Rocha. Bisa Lia, lá para o lado de Ibirataia e Algodão. Vó Tena em Maracás. São tantas menina que levaria horas para lembrar. Só sei que rezar é um dom que está se repertindo e repassndo entre minha família (DONA ESPADA-DE-SÃO-JORGE, junho de 2022).

Sobre como aprendeu a rezar, Dona Malva conta que desde a infância gostava de observar sua avó: *“Nem sei bem quando comecei rezar. Lembro que na infância sempre gostava de ver minha vó paterna rezar. Gostava de ficar repertindo a reza e depois brincava de rezaras bonecas de panos e os primos. E hoje estou aqui rezando!* (DONA MALVA , abril de 2022).

Das quatro rezadeiras entrevistadas, apenas Dona Beca afirma ter se tornado rezadeira por meio de um dom, o que ela nos conta neste lindo relato: *“Eu tive uma doença muito grave e fiz uma promessa aos Santos, que se eu ficasse boa daquele mal, eu ia passar a rezar as pessoas, em qualquer lugar quando fiquei curada comecei a rezar e estou aqui até hoje”* (DONA BECA, maio de 2022).

De acordo com Marin e Scorsolini-Comin (2017), a transmissão também pode se dar através de uma experiência mística, mesmo que não haja laços de parentesco, podendo estar relacionada à cura pessoal ou ainda à revelação através de sonhos ou visões. Além disso,

existem duas concepções diferentes, uma que defende que após a transmissão dos saberes a rezadeira deve suspender suas atividades, e outra que não impede que ela dê continuidade às suas rezas.

As fontes orais possibilitaram pensar em duas formas principais de inserção das mulheres no universo das benzeções. A primeira vinculada à inserção mediante observações feitas desde a infância e o conseqüente acúmulo de experiências ao conhecer ervas, raízes e as próprias palavras mágicas capazes de restabelecer o equilíbrio orgânico e espiritual dos indivíduos, e a segunda forma vinculada a uma espécie de revelação divina de um dom, geralmente associado ao desfalecimento orgânico da Rezadeira, ou seja, esta sendo acometida por uma doença (CONCEIÇÃO, 2011).

Portanto, podemos comprovar que a religião tem um papel social significativo nas tradições afro e indígenas brasileiras, há muito tempo deslocada e que passa por um processo de despersonalização, como resultado da imposição forçada da cultura europeia. Esses aspectos passam por um processo histórico de estabelecimento e adaptação religiosa para sobrevivência, e mesmo nos tempos atuais, as pessoas ainda vivenciam o preconceito e o racismo.

Nessa religiosidade popular, os rituais e costumes afro-brasileiros têm se tornado cada vez mais importantes e relevantes. O uso de folhas, ervas e plantas medicinais para a cura de doenças, o uso de amuletos, o uso de elementos místicos e os símbolos religiosos, tudo isso tem sua origem nos costumes africanos.

A cultura iorubá na África tinha e tem até hoje um conhecimento muito profundo da utilização medicinal e ritual das mais diversas folhas que se expressa através de ofó, que são encantações, versos e frases que ajudam a memorização deste saber tradicionalmente transmitido oralmente (CARDOSO; BACELAR, 1999: 304).

Além de preservar a cultura, as rezadeiras também atuam como mediadoras culturais, pois ajudam a estabelecer uma relação de confiança entre as pessoas e a cultura, permitindo que ela seja compreendida e valorizada. Elas também servem como porta-vozes, fazendo com que suas vozes cheguem a quem precisa delas. As rezadeiras também têm um papel fundamental na preservação da saúde mental das pessoas. Elas oferecem muitas ações que podem ajudar as pessoas a lidar com o estresse, a ansiedade e outras emoções que possam afetar o bem-estar mental.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as relações étnicas das rezadeiras do bairro Mandacaru da cidade de Jequié Bahia representa, sem dúvida, é uma constatação de que as rezadeiras são portadoras de um legado ancestral, além de serem consideradas profissionais populares de cura em nosso bairro por várias pessoas. O legado do saber de cura é uma memória dos nossos antepassados que se mantém viva e ligada às comunidades por essas mulheres, sendo uma tradição que atravessa gerações.

Ao longo dos tempos, os conhecimentos das rezadeiras têm sido compartilhados e fortalecidos através das gerações. Elas ensinam a usar as práticas tradicionais para curar e prevenir doenças, além de promover o bem-estar dos que as consultam. Atualmente, a medicina tradicional tem ganhado maior reconhecimento e aceitação como uma prática complementar, tendo como objetivo trabalhar em conjunto com a medicina moderna. Por meio da sabedoria ancestral, é possível tratar diversos tipos de doenças, desde problemas de saúde física a problemas emocionais. Por isso, torna-se cada vez mais importante preservar e compartilhar essa sabedoria com as novas gerações, para que possamos nos beneficiar dos seus conhecimentos.

Utilizando ervas, flores e outras plantas, as benzedadeiras possuem como grande aliada a natureza, tanto na elaboração de remédios caseiros, quanto na preparação de rituais e receitas especiais. Esses rituais são uma forma de cura natural que busca aliviar a dor, a tristeza, os medos e outras mazelas. Além disso, as rezadeiras também são responsáveis por espalhar o conhecimento a respeito da natureza e da preservação ambiental, incentivando as pessoas a plantarem ervas, flores e plantas usadas nos rituais. Assim, a tradição das benzedadeiras não apenas cura, mas também ensina sobre a preservação da natureza.

As rezadeiras, além de buscarem a cura, também são responsáveis por transmitir a cultura de seus povos, preservando saberes ancestrais e passando conhecimentos de geração para geração. Elas têm um papel essencial na vida das comunidades, pois preservam a identidade cultural através de seus ritos e costumes.

Com isso, a memória coletiva é um dos principais elementos da identidade de um grupo, pois a partir dela é possível entender como é a forma de vida e as relações interpessoais que essas pessoas possuem entre si. É ainda possível entender as crenças e costumes desse grupo, bem como o seu papel e lugar na sociedade. Além disso, a memória coletiva possui importantes funções para a preservação de um determinado grupo, pois a

partir dela é possível perpetuar o conhecimento acumulado por gerações. Isso permite que as pessoas tenham um referencial de onde eles vieram e para onde eles querem ir, tornando-se assim, uma importante fonte de sabedoria e conhecimento.

É importante que sejam realizadas ações que permitam a preservação das rezadeiras, como oficinas, cursos e seminários, para que sua prática seja reconhecida e aprimorada. A realização de eventos culturais, a divulgação de informações sobre o ofício e o respeito às diferenças entre as práticas religiosas são fundamentais para que sejam preservados os costumes e tradições das rezadeiras.

As entrevistadas também relataram que ainda existem muitas pessoas que não reconhecem as formas terapêuticas, as quais são consideradas “feitiçarias” ou “macumbarias”, ou seja, práticas não cientificamente comprovadas. Além disso, é importante que as pessoas tomem consciência de que as práticas não são inimigas da medicina oficial, mas que existe uma relação de complementaridade entre elas. O conhecimento das formas terapêuticas deve ser preservado e estudado, e não deve ser desprezado ou desqualificado. O reconhecimento desses conhecimentos, além de favorecer a saúde, também contribuirá para a valorização dos curandeiros e curandeiras, que têm muito a nos ensinar.

As benzedoras são mulheres que têm conhecimentos de plantas e de medicina tradicional, o que lhes permite preparar remédios caseiros e praticar a cura por meio de plantas medicinais, extratos e outras substâncias naturais. Elas são responsáveis por preservar conhecimentos milenares, transmitidos de geração a geração, sobre terapias naturais. Além disso, as benzedoras têm um importante papel no cuidado com a saúde da comunidade, pois oferecem tratamentos alternativos acessíveis e podem ser uma porta de entrada mais próxima para aqueles que não têm acesso a recursos de saúde convencionais. Elas também são fontes de informação e conselhos para prevenção de doenças.

Estas curas vêm de algo que chamamos de energia curativa, que é a energia espiritual que flui para o paciente. Esta energia pode ser transferida por meio de oração, reza, imposição de mãos e outros rituais espirituais. A cura pode acontecer em várias formas, desde a remoção de energias negativas que possam estar bloqueando o fluxo de energia curativa, até a crença na cura e na possibilidade de cura. Algumas benzedoras usam ervas, remédios naturais, simpatias e encantamentos para promover a cura. As rezadeiras no Brasil têm uma formação religiosa variada, nesta pesquisa encontramos seguidoras do Kardecismo, da Umbanda e do Catolicismo.

Muitas benzedoras se especializam em curar crianças, pois acreditam que elas são

mais susceptíveis a se curarem através de suas orações. Algumas também tratam de doenças mais sérias, como câncer, e suas práticas incluem, entre outras, a realização de rezas, a passagem de mãos sobre o corpo e o uso de ervas medicinais.

Ao longo deste estudo observamos no entorno do bairro Mandacaru a presença de características comunais de práticas tradicionais, aspectos étnicos, ou seja, elementos indígenas, africanos e elementos populares católicos, além da cultura afro-brasileira, tais como: a presença de altares com símbolos africanos e afro-brasileiros, a oralidade, os segredos e a ancestralidade. Ressaltamos, ainda, a relação com os elementos da natureza, em algumas ações marcadas pelo respeito ao tocá-los, sempre pedindo licença a Ossain, antes de coletar as folhas para os banhos e remédios caseiros podendo observar a diversidade das religiões no rito das rezadeiras.

As identidades das rezadeiras do bairro Mandacaru são construídas e reconstruídas no cruzamento entre suas relações familiares e de trabalho, suas origens e realidades sociais, suas crenças e suas escolhas de vida, evidenciando terem relevantes conexões com outras identidades em percurso, bem como revelando às relações étnicas presentes e eminentes nesta comunidade.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar Pereira. **Do púlpito ao Baquiço: religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca.** Tese de doutorado, PUC, 2007.
- ALFREDO, Patrícia. et al. **Análise qualitativa dos efeitos da sonoforese com Arnica montana sobre o processo inflamatório agudo do músculo esquelético de ratos.** *Pesquisa Original Fisioter. Pesqui.* 15 (3) Set 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/SZyQgkXHdvY7csKbnPW6ynJ/>. Acesso em 20 maio de 2021
- ALMEIDA, BARBIERI, RIBEIRO, LOPES, e HECK. Espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss.): saber de erveiros e feirantes em Pelotas (RS). *Articles Rev. bras. Plantas med.* 17 (4 suppl 1) 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/cGR8Wr7Z4Kcdfc84J5Syc6P/>. Acesso em:10 de junho de 2021.
- ALMEIDA, Graciela Souza. **A memória das rezadeiras no bairro do Mandacaru da cidade de Jequié-Bahia.** Monografia. Pós-graduação em Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-Brasileiras. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Campus de Jequié, 2014.
- \_\_\_\_\_, Graciela. Souza.; PEROVANO FILHO, N. Identidades étnicas e Etnociências nas práticas de Rezadeiras. **ODEERE**, v. 6, n. 2, 79-95, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/download/9750/6457>. Acesso em: 25 jul 2022.
- ALVES, PC., MINAYO, MCS.,(Orgs). **Saúde e doença: um olhar antropológico** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 15 de julho de 2021.
- ARAÚJO, Rafael Nóbrega et. al. **“O povo rezava e eu aprendia”:** práticas educativas no saber-fazer de rezadeira. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31450>>. Acesso em: 21 jun 2022.
- ASSUNÇÃO, Luiza. QUERINO, Rosimar. RODRIGUES, Leiner. A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores. *Artigo Original • Saúde debate* 44 (126) 16 Nov 2020. Jul-Sep 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103->. Acesso em: 24 de agosto de 2022.
- AVELAR, Maria Cristina de Mello. **O lugar das pessoas idosas na sociedade contemporânea:** uma reflexão a partir das práticas de benzedeiros (as). Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - PUCSP, 2014.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **Congresso Nacional de Educação**, 10., 2011. Anais... Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-umatecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html>. Acesso em: 21 jun 2022.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. *The social organization of culture difference.*

Bergen, *Oslo*: Universitetsforlaget, 1969. In: BARTH, F.; POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 187-227.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças dos Velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASILEIRO, Beatriz. et al Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares-MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences, vol. 44, n. 4, out./dez., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcf/a/TwBRyGvxZsHRXKvSBgdBYPC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

CARDOSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (org.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, Salvador: CEAQ, 1999.

CARDOSO, Roberto Oliveira. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP, Brasília: Paralelo 15, 2006.

CARDOSO, Roberto Oliveira. **Identidade e estrutura social**. São Paulo, SP: Pioneira, 1976.

CLIFFORD, Rogers James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **“No meu tempo, quando eu era criança, todo mundo era rezador”**: trajetórias de vida e experiências compartilhadas. Bahia. 2011.

COSTA, Hulda Silva C. da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/758/1/HULDA%20SILVA%20CEDRO%20DA%20COSTA.pdf>. Acesso em 15 out 2021.

DALVA, Paulus. et al. Crescimento, produção e qualidade de frutos de pimenta (*Capsicum annuum*) em diferentes espaçamentos. Comunicação Científica. *Hortic. Bras.* 33 (1). Jan- Mar 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hb/a/5t4YG4bX4ZZNdpL8Dq6B7jd/>. Acesso em: 21 setembro de 2022.

DYNIWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009.

ECKEL, Andresa. **A Prática do benzimento e o uso de ervas medicinais na comunidade Rio da Areia de Baixo-Mafra (SC)**. UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204123/TCC>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

FRANCA, Aline da Silva. SILVEIRA, Naira C. A Representação do Etnoconhecimento

sob a Ótica da Epistemografia Interativa. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XVI ENANCIB**. 2015.

GEERTZ, Clifford . **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. (Sociologia e Política).

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silvae Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Eric Hobsbawm, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?lang=pt>. Acesso em: 23 de setembro de 2023.

IANNI, O. **A sociologia de Florestan Fernandes. Estudos avançados**. v. 10, J.A.M Paula, B. Reis L. H.M. Ferreira A.C J.S. Menezes J.R. Paula. Gênero Pimenta: aspectos botânicos, composição química e potencial farmacológico. *Revisão • Rev. bras. plantas med.* 12 (3) • Set2010.

JUSTO, Oselys Rodrigues, et al. **Avaliação do potencial antioxidante de extratos ativos de plantas obtidos por extração com fluido supercrítico**. *Artigo • Quím. Nova* 31 (7) • 2008 • Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422008000700019>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Tradução de Manuel Ruas. v.1. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.p.205-241.

LEWTZKI, Taisa. **A vida das benzedeadas : caminhos e movimentos**. Dissertação Mestrado em Antropologia - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2019.

LIMA, NAGEM. **Efeitos do flavonóide quercetina e dos corantes bixina e norbixina sobre parâmetros sanguíneos de coelhos**. *Artigos Originais • Rev. Nutr.* 16 (3) 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/hRvWTQMtbDtYHtTyjDgFsND/>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

MACHADO, Maria Clara T. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. Tese Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 26 jan. 2023.

MARALDI, Everton de O. MARTINS, Leonardo B. Contribuições da Psicologia Evolucionista e das Neurociências para a compreensão das crenças e experiências religiosas. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 17, nº1, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/32704>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

MARIN, Raquel. SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia,**



*Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras*. Artigos • Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.) 37 (2) • Apr-Jun 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002352016>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

MARTINS, Cristiana Kovalski.; JOSEFINA, Ana. **O Que Cura:** o Benzimento ou o Uso das Ervas Medicinais. Matinhos/PR: UFPR-Litoral, 2011.

MEDEIROS, Lis. AZEVEDO, Gláucia. MACHADO, Fábio. SOUZA, Simone. As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia – PIA. *Esc Anna Nery R Enferm* 2007 mar; 11 (1): 112 - 7.

MEDEIROS, Rafael. NASCIMENTO, Ellani. DINIZ, Gabrieli. ALCHIERI, João Carlos. **Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança**. *Temas Livres • Physis* 23 (4) • Dez 2013 • <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000400016> mesmo tempo. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MONTEIRO, Nayara de Lima. **Rezadeiras e Erveiras do Cariri:** o fio decolonial tecedor das práticas de cura em abya yala. 2020.

<https://nusserge.paginas.ufsc.br/files/2020/05/MONTEIRO-N.-L.-Rezadeiras.pdf>

n. 26. 1996. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/tWXJzCGy9pK7wWBsbvVFT7Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MOURA, Elen Cristina de. **Entre Ramos e rezas:** o ritual em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, USP, 2009.

NASCIMENTO, M. S. **Os Impasses com o Catolicismo Negro Vivido por Rezadores em Santo Antônio de Jesus–BA (1940–1970)\***. 2014.

NETO, Ernani Francisco dos S. Pesquisas em espiritualidade e saúde Religião, religiosidade e espiritualidade: uma compreensão a partir da Ciência da Religião. **Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**. UFJF. 2019. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/sacrilogens/files/2019/04/28.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de . **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Érica Caldas S. de; TROVÃO, Dilma Maria de Brito M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n 3 n 245-251, jul/set.2009. [ISSN 1980-4849. (on-line)/1679-2343 (print)].

OLIVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.16, n.4, p.912- 930, 2014.

PORTELA, Dedé da; DIDA. Senhora Rezadeira In CARVALHO, Beth. **Pérolas do Pagode**. Globo/Polydor, 1998.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. 1998. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, HUCITEC, 1991.

\_\_\_\_\_, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, MS.; PUNTEL, MA. **A Endemia Hansênica**: uma perspectiva multidisciplinar. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997.

QUINTANA, Alberto. **A Ciência da Benzedura**: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: Edusc, 1999.

RIVAS NETO, F. **Espiritualidade e Ciência na Teologia das Religiões Afro- Brasileiras**. São Paulo: Ed. FTU, 2010.

SABORIT, IT. **Religiosidade na Revolução Francesa** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. A sombra de Jean- Jacques. 314 p. ISBN: 978-85-99662-98-4. Available from SciELO Books

SANTOS, Francimário Vito dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. **Antropologia Cultural e Análise da Cultura Subalterna**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SCLIAR, M. **História do conceito de saúde**. Physis [Internet]. 2007 [acesso 2 jun 2022];17(1):29-41. DOI: 10.1590/S0103-7331200700010000.

SILVA, Alberto Bomfim. Presenças e Invisibilidades dos Afro-brasileiros em Vitória da Conquista (Brasil). **Revista de História e Geografia Ágora**. v.19, n. 02, p. 138-147, jul./dez. 2017. DOI: 10.17058/agora.v19i2.9666.

SILVA, Claudia Santos da. Rezadeiras: guardiãs da memória. **V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

SILVA, Leonice de Jesus. **Etnicidade e cura entre benzedoras quilombolas de Rio de Contas-BA**. Jequié, 2017. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/wpcontent/uploads/2018/07/DISSERTA%C3%87%C3%83O-MESTRADO-LEONICE-DE-JESUS.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

THEOTHONIO, Andrea Carla R. **Entre ramos de poder**: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB. Dissertação Mestrado em História, Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2010.

VITA, Gilmar. et al. **Eficácia de *Chenopodium ambrosioides* (erva-de- santa-maria) no controle de endoparasitos de *Gallus gallus* (galinha caipira).** *Animais de Produção Pesq. Vet. Bras.* 34 (1) • Jan 2011. <https://doi.org/10.1590/S0100-736X2014000100007>.